

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
FREDERICO WEINHARDT WITHERS

**AVENTURAS DE UM INGLÊS NOS TRÓPICOS: UM ROMANCE
PERMEANDO A IMIGRAÇÃO INGLESA EM CURITIBA NO SÉC. XIX.**

CURITIBA

2014

FREDERICO WEINHARDT WITHERS

**AVENTURAS DE UM INGLÊS NOS TRÓPICOS: UM ROMANCE
PERMEANDO A IMIGRAÇÃO INGLESA EM CURITIBA NO SÉC. XIX.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História – Faculdade de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti
do Paraná, como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr. Maria Ignês Mancini de
Boni.

CURITIBA

2014

À Emily Ellen por ter guardado as cartas, e a William por tê-las escrito, sem elas seria muito mais difícil.

Também aos meus descendentes, ou, por enquanto, a ideia de tê-los, que me mantêm na luta diária.

Aos meus sobrinhos Alice e Eduardo que me enchem de alegria nos momentos mais tristes. E também aos que virão, pois acredito que farão o mesmo.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos mais difíceis, que sempre me encorajaram e me ensinaram o correto para esse mundo.

Aos meus irmãos que me aturaram e ainda me aturam e dos quais tenho tanto carinho.

Aos meus avôs e avós, Antônio por ter sido minha referência para estudar História, mesmo ele lá de cima e eu aqui em baixo e sem podermos trocar ideias a respeito do mundo. Luiz Guilherme pelas conversas que tivemos sobre seu avô William Lockwood Withers que preencheram lacunas. A Zorah e Lucy pelo afeto e carinho que sempre tiveram comigo.

A minha orientadora Maria Ignês Mancini de Boni, por ter acreditado no meu trabalho e ter me guiado para a conclusão desta monografia. Suas lições serão levadas comigo no restante dos meus trabalhos.

Agradeço também aos professores do curso de História que nesses três anos e meio me ajudaram a fazer acontecer: Viviane Maria Zeni, Wilma de Lara Bueno, Sandro Coelho, Geraldo Pieroni, Marcia Graf, Pedro Valandro, Pedro Leão da Costa Neto, Osvaldo Luis Meza Siqueira, Luiz Carlos Sereza, Etelvina Maria Castro Trindade, Eliane Mimesse.

Aos meus amigos, Giliane e Leandro, que estiveram comigo nas horas felizes e nos momentos difíceis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. IDAS E VINDAS.....	9
1.1- POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA – VINDA DOS IMIGRANTES.....	9
1.2- EMIGRAÇÃO INGLESA.....	13
1.3- IMIGRAÇÃO NO PARANÁ.....	18
1.3.1- Situação do Paraná.....	18
1.3.2 – A chegada dos ingleses para o Paraná.....	22
1.3.3 – Encontro de dois mundos.....	25
2. UMA FAMÍLIA INGLESA NO PARANÁ.....	29
2.1. CHEGADA E INSTALAÇÃO DA FAMÍLIA WITHERS.....	29
2.2. UMA HISTÓRIA DE AMOR NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
FONTES.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO.

Pode se afirmar que o auge do Império Britânico ocorreu no século XIX, com colônias espalhadas pelos seis continentes e influência na maioria das nações existentes nessa época. Os motivos que tornaram a Inglaterra um Império estavam ligados ao processo pioneiro de desenvolvimento tecnológico que culminou na Revolução Industrial do século XVIII, e também a geografia de seu país, pois por ser uma ilha teve que possuir uma forte marinha para defender seu território e com isso tornar-se a “rainha dos sete mares”.

A influência que transformou os ingleses em grandes colonizadores, a partir do século XVIII, pode ser considerada diferente da exercida por outras nações europeias, como espanhóis, portugueses, holandeses e franceses, entre os séculos XV e XVII, os quais colonizaram os territórios com a conquista da terra e opressão dos povos nativos, assim como os ingleses, que antes da Revolução Industrial, praticaram a colonização da mesma forma que seus contemporâneos. Para elucidar, uma das regiões que os ingleses mantiveram domínio mais tarde tornou-se os Estados Unidos da América. Porém, com o advento da Revolução Industrial, as nações europeias industrializadas praticaram outro modo de conquista, que se diferenciava da ocorrida nos séculos anteriores, pois tal medida mirava a exploração econômica das regiões de interesse. Como pioneiros dessa prática econômica, os ingleses não exerceram essa hegemonia econômica somente em regiões fora da Europa, Portugal foi um dos países europeus que criaram laços econômicos com a Inglaterra. Entre tantos outros, o Brasil fez parte dos laços econômicos criados com a Inglaterra, e que fez suas mercadorias serem sufocadas pelos produtos ingleses.

Mas afinal, como eram tidos esses laços econômicos entre ingleses e os outros povos? A relação era dada com o monopólio inglês do comércio pelo escoamento da produção das fábricas inglesas, em troca eram importadas matérias primas para abastecer as fábricas inglesas, para produzirem mais artigos, para vender em outras regiões que se importavam a matéria prima, o que acabava tornando cíclico o movimento da matéria bruta e das mercadorias manufaturadas.

No século XIX, Brasil e Inglaterra estreitaram seus laços nas políticas socioeconômicas com a independência brasileira em relação a Portugal. No decorrer do século, medidas impostas pelos ingleses sobre a escravidão de negros existente

no Brasil fizeram aumentar a busca por imigrantes que vieram trabalhar em lavouras de café, ou cultivar a terra para produção de gêneros alimentícios. Muitas foram as etnias representadas na imigração para o Brasil no decorrer do século XIX, germânicos, italianos, poloneses, ucranianos, franceses, suíços, entre outras.

Neste trabalho foi dada especial atenção aos imigrantes ingleses que vieram povoar a Província do Paraná, muito em razão de haverem poucas, em relação as demais etnias, produções historiográficas feitas que discutam sobre a imigração de ingleses no Estado do Paraná.

No contexto de imigração para o Brasil quais as particularidades da imigração inglesa para o Paraná e qual a participação da família Withers nesta imigração. Para isso foi necessário contextualizar os aspectos políticos, econômicos e sociais da emigração e imigração inglesa para o Brasil, entendendo as relações culturais, políticas e religiosas entre os imigrantes e o Estado e analisando no contexto da imigração inglesa no Paraná a participação da família Withers.

Como teórico, para a discussão sobre os costumes e cultura dos imigrantes ingleses vindos para o Brasil, foi utilizado Edward P. Thompson (2000), em especial – *Costume e Cultura* - de seu livro *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Neste texto, Thompson defende a relação entre a cultura das elites e dos camponeses e os costumes que transformam essas classes, principalmente, no período de transição fabril que levou a um ambiente industrializado. Discute que a perpetuação dos costumes e da cultura de ambas as classes teve, num primeiro momento, a transmissão oral como ferramenta. Para os camponeses essa prática era importante devido sua privação ao acesso do conhecimento pela educação, enquanto que a cultura dominante elaborava em seus costumes um referencial para a cultura camponesa se basear.

Muitos desses costumes camponeses baseavam-se no direito consuetudinário que serviu para romanos e bárbaros nas invasões germânicas que deram fim ao Império Romano, direito esse que resistia com a tradição da transmissão oral das gerações, na transmissão de pai para filho, no aspecto residencial, ou na transmissão de mestre e aprendiz em nível artesanal e manufatureiro.

Quando havia a transgressão desses costumes, a comunidade se encarregava das leis que seriam aplicadas aos infratores, tanto na transgressão da conduta sexual quando do fura-greve. Tratava-se de uma cultura de formas

conservadoras que recorria aos costumes tradicionais e procurava reforçá-los. Assim, esta conduta da cultura dos camponeses mostrou teores de rebeldia e conservadorismo, os quais demonstraram que as questões da transformação social e econômica interferiram nos costumes, além de existir uma grande imposição vinda da classe dos empregadores e das elites, ou seja, dos membros das classes dominantes.

Com a estrutura do mercado transformando a sociedade, com a lei da oferta e da procura, os costumes acabam sendo influenciados pelas necessidades e expectativas que essa estrutura manifesta. Desta forma, acabam transformando o modo de vida de ambas as classes, como exemplo Thompson remete ao consumo de pão das famílias. Quando o preço do trigo é alterado pela especulação da boa colheita ou má colheita, o costume de ingerir o pão todos os dias acaba sendo alterado, pois os camponeses, não tendo condições financeiras de participar de tal especulação dos preços, acabam rompendo o costume, outrora sagrado, do consumo desse produto.

A discussão que aborda a chegada e o estabelecimento dos imigrantes teve como teórico Norbert Elias (2000) e seu texto “estabelecido e *outsiders*”, em que discute a relação de influência entre círculos de estabelecidos em uma determinada comunidade e a chegada de *outsiders* – pessoas recém-chegadas a comunidade.

Na análise foi explorada a barreira existente na convivência entre os estabelecidos e *outsiders*, pois para os estabelecidos, com maior período de fixação e permanência no local, os *outsiders* são forasteiros e inferiores socialmente não pertencendo ao mesmo círculo de influência que eles. Por serem criadas barreiras intransponíveis entre as duas camadas, os estabelecidos que rompem com as ditas barreiras e trazem *outsiders* para seu meio de influência, como exemplo se dá o casamento, acaba se tornando mau exemplo para os outros estabelecidos.

A ideia pré-concebida, pelos estabelecidos, de os *outsiders* serem seres inferiores socialmente acabou sendo perpetuada pelos próprios *outsiders*, que por não discordarem da situação, e nem discutirem os motivos da exclusão, mantiveram os mecanismos de exclusão dos estabelecidos.

Para o desenvolvimento deste trabalho uma bibliografia complementar foi estudada, ela serviu de base para a concepção da análise feita, de modo geral, sobre a imigração para o Brasil no século XIX. As fontes que foram pesquisadas são relatórios presidenciais, publicações de artigos na época, reportagens de periódicos,

tanto do período o qual pertence o recorte histórico quanto de publicações encontradas em periódicos mais recentes a produção do trabalho. A principal fonte analisada baseia-se em cartas de um membro que participou do processo imigratório, e que foram mantidas pela família nas gerações que se seguiram. Essas cartas foram endereçadas à sua futura esposa, e a partir delas foi possível recriar, de forma parcial, o processo imigratório da família. Após a leitura e tratamento das fontes foi feita uma adequação entre o referencial teórico e os dados levantados, e a partir das análises dos resultados foi possível iniciar a escrita do texto.

Dividido em dois capítulos, o trabalho apresenta no primeiro capítulo uma discussão sobre as políticas imigratórias brasileiras no século XIX, a emigração de súditos ingleses para duas regiões das Américas em períodos diferentes – primeiro a colonização da América do Norte, e depois a imigração para o Brasil no decorrer do século XIX. Por fim foi feita uma análise do choque de realidades entre os imigrantes e as elites locais e suas políticas na Província do Paraná.

No segundo capítulo, a vinda e fixação da família Withers na Província do Paraná no último quartel do século XIX é esmiuçada com o tratamento das fontes levantadas, bibliografia complementar e principalmente as cartas endereçadas para Emily Ellen Rummel de seu futuro marido, William Lockwood Withers. A reconstituição feita com base nas cartas mostra a rotina de uma família imigrante na sociedade curitibana no final do século XIX.

1. AS IDAS E VINDAS.

1.1. POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA – VINDA DOS IMIGRANTES

Por que as pessoas migram? Algumas vezes os motivos estão relacionados às condições climáticas, como aconteceu nas eras glaciais. Outro motivo envolve a busca por alimentos e sobrevivência, também conhecido como nomadismo. Porém, esse modo de migração faz com que os indivíduos retornem ao lugar de origem. Há também a migração involuntária, quando certos indivíduos forçam outros a se deslocarem para diferentes áreas dos continentes, caso do sistema escravista da antiguidade e escravocrata da idade moderna. Há casos em que são promovidas limpezas étnicas, diásporas... Mas há casos em que a migração é perpetuada pelo consentimento dos migrantes e governos locais, como o ocorrido em grande parte no Brasil do século XIX.

Com a parceria entre portugueses e ingleses desde a fuga da família real lusitana para o Brasil, em 1808, e, por conseguinte a ocorrência da abertura dos portos para as nações amigas, que aqui leia-se Inglaterra, ocorreu um deslocamento maior de ingleses para o território brasileiro. Num primeiro momento os súditos da Grã-Bretanha escoavam a produção inglesa para o promissor mercado colonial da América portuguesa, pois o mercado europeu estava fechado pelo bloqueio continental que Napoleão Bonaparte exercia sobre a Inglaterra. (MANCHESTER, 1973)

Mesmo com o fim do bloqueio, e devido ao conteúdo dos Tratados e artigos secretos assinados em 1810, Inglaterra e Portugal reafirmaram acordos comerciais, pois o conteúdo daqueles propunha os limites e normas para o comércio e convivência entre as duas partes envolvidas, sendo preciso reafirmar a situação comercial na colônia portuguesa na América. O conteúdo dos novos tratados confirmavam as estipulações já firmadas em tratados anteriores, entre outras cláusulas, uma estipulava que o novo tratado “[...] será ilimitado em duração [...]” (MANCHESTER, 1973, p.89) – mas após 15 anos, se necessário, deveria ser revisado e somente alterado se as duas partes estivessem de comum acordo –; “[...] os ingleses iriam gozar de privilégios no Brasil negados mesmo aos nativos

residentes na colônia [...]” (MANCHESTER, 1973, p.92), outro importante quesito desses tratados foi a garantia de tolerância e direito ao culto religioso aos ingleses. Desta forma, a instalação de companhias comerciais inglesas na América portuguesa teve como objetivo explorar comercialmente as riquezas do território brasileiro, mas tudo previamente analisado e discutido entre as coroas inglesa e portuguesa aonde os súditos ingleses tinham mais “regalias” que os próprios portugueses, sem falar nos brasileiros. (MANCHESTER, 1973)

A chegada da família real portuguesa também propiciou o desenvolvimento da imigração não portuguesa, com o decreto de 25 de novembro de 1808, que tinha por preocupação povoar os grandes vazios demográficos. Pelo decreto D. João VI disponibilizava terras aos estrangeiros e, também, aos seus súditos na forma de sesmarias com a intenção, já mencionada, de povoar e, também, aumentar a produção das lavouras de subsistência, as quais estavam bem diminutas. Nesse período foram os açorianos, na grande maioria, que imigraram para a colônia portuguesa (BALHANA, 2002, p.245)

A iniciativa por decreto do príncipe regente para a vinda de imigrantes ingleses, ainda no período em que a família real portuguesa se encontrava no Brasil, foi proposta. Tal decreto concedia “[...] a qualquer estrangeiro que se estabelecesse no Brasil, independentemente da religião, dotes de terra por sesmarias nos mesmos moldes em que esses dotes eram conferidos aos portugueses e brasileiros.” (MANCHESTER, 1973, p.77) Conforme Manchester, essa iniciativa se mostrou ineficaz em grande parte ao ódio dos portugueses pelos ingleses, que nesse período se acerbava pelos tratados comerciais assinados por ambas as coroas. (1973, p.77-78)

Este autor ainda informa a dificuldade da permanência dos ingleses durante o decorrer do século XIX que torna-se interessante, uma vez que “devido ao clima, aos baixos padrões de vida, e ao trabalho escravo, o trabalhador comum inglês nunca se consolidou no Brasil.” (MANCHESTER, 1973, p. 77)

Mesmo após a independência do Brasil as relações comerciais entre Inglaterra e o agora Império Brasileiro continuaram, com assinaturas e prorrogação de tratados – feitos, ainda, pela coroa portuguesa –, o principal foi o auxílio dos ingleses para com os brasileiros perante os portugueses para ratificar o reconhecimento da Independência. As negociações entre Brasil e Portugal que

envolvia a independência foram mediadas pela Inglaterra. Foram estipuladas seis condições:

[...] que o Brasil consentisse na cessação das hostilidades, restituição das presas, retorno dos bens sequestrados, a adoção pelo novo estado de uma parte da dívida pública, os pagamentos das somas devidas ao tesouro de Lisboa pelos possuidores originais na colônia, e a cláusula básica de um tratado comercial favorável aos interesses portugueses. (MANCHESTER, 1973, p.176)

Além desses seis mais um artigo adicional ficou em segredo até a convocação da Assembleia brasileira, a qual se reuniria em 1826. Nesse artigo secreto estava estipulado que o Brasil pagaria um valor de dois milhões de libras esterlinas aos portugueses, como forma de compensação pelas perdas comerciais portuguesas, e esse dinheiro seria emprestado ao Brasil pelos ingleses. Assim, “este foi o preço que a metrópole exigiu do novo estado, como pagamento pelo reconhecimento da independência, um preço negociado sob a intervenção direta da Inglaterra”. (1973, p.178)

Até esse momento, os ingleses que trafegavam pelo Brasil demonstravam que suas ligações com a terra natal não tinham se rompido. Eles ainda possuíam relações com seu país de origem e, vez ou outra, retornavam para a Inglaterra, muito pelo fato de serem comerciantes e trabalharem em filiais de matrizes que se encontravam no país britânico.

O mesmo problema que D. João VI havia percebido durante sua passagem pelo Brasil continuava após a independência. Os vazios demográficos não era apenas questão observada no Brasil, mas também na grande maioria das jovens nações do continente. Como afirma NADALIN (2001, p.63):

de modo geral, ainda, nas jovens nações americanas, praticava-se a máxima *'governar es poblar'* pois entendia-se que enormes regiões deveriam ser ocupadas, demográfica e economicamente. Isso significava, além da garantia da independência, trazer o progresso, domar o interior selvagem, enfim, povoar os chamados *'vazios demográficos'*.

Dessa forma, a iniciativa de trazer imigrantes era a de preencher essas lacunas territoriais a fim de garantir a posse da terra.

No caso brasileiro a iniciativa imigratória tinha preferência por estrangeiros católicos, cujo alvo era atrair a colonização germânica¹. Mas com a entrada indiscriminada de estrangeiros e repetidos fracassos tal empreendimento se tornou peça chave para críticas políticas ao governo de Dom Pedro I, sendo em 1830 proibida por lei a iniciativa de gerar despesas públicas com a realização de colonização estrangeira. (BALHANA, 2002, p.246)

Depois de um curto período sem entradas de imigrantes, um ato adicional de 1834, dava responsabilidades às províncias para promover e estimular a imigração junto ao poder imperial; e a troca do cultivo de açúcar pelo de café em São Paulo modificou o ponto de vista sobre a imigração. Uma vez que ela, num primeiro momento, havia sido idealizada para preencher os vazios demográficos, agora sua principal função era “importar” mão de obra para as lavouras de café, além de ser destinada, também, para o cultivo de lavouras de subsistência, as quais eram sufocadas pela expansão cafeeira. (BALHANA, 2002)

A política inglesa de abolir a escravidão em suas colônias e, assim, tomar partido para a abolição no restante do mundo dificultou o tráfico de escravos a partir de 1831. Com o empecilho ao tráfico negreiro, a mão de obra imigrante foi tomando maior importância, muito em razão de suprir a mão de obra escrava nas lavouras de café principalmente no sudeste, embora a busca de escravos em outros planteis distribuídos no Brasil fosse uma ajuda para as plantações cafeeiras, não era suficiente para a demanda comercial de exportação, sendo necessária a vinda dos imigrantes. (BALHANA, 2002)

É possível identificar a influência dos latifundiários cafeeiros na política econômica do Império, tanto na atração de estrangeiros como na elaboração de leis futuras que iriam ajudar a não dispersar o contingente de imigrantes que viria para o Brasil em propriedades pequenas, mas sim, aglomerá-los ao redor dos latifúndios propiciando o baixo custo de sua mão de obra e a fácil substituição. (NADALIN, 2001, p.70)

Nessa conjuntura, em 1850, duas leis foram fundamentais para a mudança no ritmo da colonização por imigração, ambas promulgadas no mês de setembro, agravando a, já precária, produção de gêneros alimentícios para o abastecimento das cidades.

¹ Tinha-se a intenção de trazer os germânicos católicos, uma vez que Leopoldina, austríaca e mulher de D. Pedro I, pertencia a casa de Habsburgo.

A primeira, com forte influência das ideias liberais e abolicionistas e pressões internacionais já mencionadas, foi a Lei Eusébio de Queiróz, a qual proibia o tráfico interatlântico de escravos. Essa lei rompeu com a “importação” de africanos para o cultivo de café na região sudeste, o que gerou uma busca por plantéis em outras regiões do país, ocasionando um grande lucro para os proprietários de pequenos lotes de escravos. (NADALIN, 2001, p.67-9) Além de aumentar a importância da vinda de mão de obra europeia para os latifúndios cafeeiros.

Já a segunda lei, a Lei de Terras, cuja influência foi pautada nas pretensões dos cafeicultores regularizava a aquisição de terras apenas por compra e venda mediante pagamento à vista, não mais como doação ou posse. No início da imigração coube aos imigrantes trabalhar nos cafezais como forma de substituir os escravos que não mais provinham da África, pois a grande maioria dos europeus não tinham condições financeiras para adquirir pequenas propriedades para o cultivo. (NADALIN, 2001, p.67-9) O que fez com que o fluxo imigratório fosse voltado principalmente para a região sudeste brasileira.

1.2. EMIGRAÇÃO INGLESA².

Por emigrar se entende o ato de “deixar um país para ir estabelecer-se em outro” (Dicionário Aurélio, p. 279). Partindo desse pressuposto, a emigração consiste no deslocamento dos indivíduos de seu ambiente de origem para uma região futura. Sendo assim, aqui será analisada a emigração de europeus, oriundos de suas regiões, com predominância na emigração de populações vindas da Inglaterra.

Em algumas famílias de imigrantes existem lendas, mitos e até brincadeiras, sobre possíveis heranças deixadas por seus ascendentes, e que serão encontradas pelos descendentes quando estes retornarem ao lugar de origem de seus ancestrais. A importância deste tópico é demonstrar que a maioria das famílias de imigrantes partiu de suas regiões e cidades para buscar novas oportunidades de trabalho em regiões ou países que propiciavam a vinda de imigrantes com o objetivo de ocupar territórios ainda inabitados pela civilização, que naquela época era julgado

² O presente tópico tem por finalidade analisar a emigração de ingleses de forma direta, ou seja, quando existe a intenção de permanecer no novo ambiente transformando-o em seu novo lar. É importante mencionar que os ingleses muitas vezes emigravam de forma indireta, onde não há a intenção de fixar raízes. Como exemplo de emigração indireta praticada pelos ingleses têm-se casos como os protetorados da Índia, China, protetorados do continente africano. Porém existe um caso de colonização direta que ocorreu no Quênia, mas que não será aqui abordado.

como civilizado, aqueles que mantinham a cultura branca europeia e cristã. Além, também, de denominar essas regiões como ambientes selvagens.

Com a “descoberta” do continente americano pelos europeus, ocorreu um fluxo de deslocamento de pessoas que tentavam enriquecer e melhorar suas condições de vida. A iniciativa da colonização de povoamento do território norte do continente americano, pelos britânicos é um desses casos.

A maior riqueza encontrada nesse continente foi a grande extensão de terra, que ainda era inexplorada pelo modo de vida da sociedade europeia, ou seja, era um grande território de terras virgens, mas, ainda assim, habitado pelos nativos indígenas dessa região. Como afirma HILL (1987, p.27), um dos possíveis motivos para o deslocamento estaria na transição do feudalismo para o capitalismo, na Inglaterra do século XVII, aonde “a terra tornava-se um domínio extraordinariamente atraente para o investimento de capital” o que modificou “a estrutura da sociedade rural inglesa”. Tal mudança mexeu ainda com os costumes das tradições de gerações de camponeses, pois anteriormente a terra era passada de pai para filho por herança, e se resumia ao consumo de uma só família, “[...] raramente mudava de mãos”.

Percebe-se aqui o rompimento dos costumes tradicionais pela alteração da economia. A busca por pedaços de terra, gerada pela mudança de mentalidade da enriquecida burguesia, alterou as tradições camponeses seculares, conforme afirma Thompson. Para melhor elucidar, Christopher Hill nos informa:

A sociedade feudal fora dominada pelo hábito, pela tradição. Comparativamente, o dinheiro não tinha importância. Constituía um ultraje à [moralidade] dessa sociedade o facto de as rendas sofrerem um aumento tão brusco, e de os homens, por não poderem pagá-las, serem lançados para as estradas, mendigando, roubando ou morrendo de fome. Com o tempo, as necessidades do capitalismo em expansão produziram uma nova moralidade – a moralidade de ‘Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmo’. Mas, no século XVI, a ideia de lucro ser mais importante do que a vida humana [...] era demasiado nova e chocante. (HILL, 1987, p.29)

A busca por essa riqueza, a terra, fez com que um percentual elevado de camponeses se deslocasse em direção ao continente americano, precisamente para a região que se tornaria as treze colônias. Esse deslocamento deveu-se ao fato de os camponeses não possuírem mais condições de trabalhar nas terras das ilhas britânicas, transformada em produto pelos promissores comerciantes, que mais

tarde seriam “a base da famosa nobreza rural que havia de governar a Inglaterra durante os três séculos seguintes” (HILL,1987, p.32).

Dessa forma, a travessia do Atlântico, além de ser influenciada pela procura de riqueza e melhores condições de vida, também era influenciada pela tentativa de manter as ligações tradicionais com a terra que os camponeses haviam perdido. (Hill, 1987)

A perseguição política e religiosa que os ingleses sofriam do governo absolutista também foram importantes aspectos que motivaram futuros colonos de emigrarem da Inglaterra. Com a sucessão dos Tudors, pelos Stuarts, ocorreu uma mudança brutal de mentalidade no reino da Inglaterra. Quando antes, com os Tudors, o parlamento inglês era aliado do soberano, com os Stuarts ocorreu uma degeneração dessa aliança, muito por razão dos Stuarts tornarem seu governo opressor. Christopher Hill define essa luta entre parlamento e monarquia, que levou a Revolução Inglesa, dessa forma:

[...] os exércitos parlamentares lutavam pela liberdade do indivíduo e pelos seus direitos, consagrados na lei, contra um Governo tirânico que o lançava para a prisão sem processo jurídico, o tributava sem o seu consentimento, aquartelava soldados na sua casa, lhe saqueava os bens e procurava destruir as suas estimadas instituições parlamentares. [...] Os Stuarts procuravam realmente impedir o povo de se reunir e de participar de discussões políticas, cortavam as orelhas dos que criticavam o governo, cobravam impostos arbitrariamente, desiguais na sua incidência, tentaram fechar o Parlamento e nomear funcionários para governarem o país. (HILL, 1987, p.13)

Ainda sobre a questão religiosa é necessário explicar que a Inglaterra, no período Tudor, rompeu com a Igreja Católica – Instituição que na época detinha um poder muito grande no continente europeu. Com o rompimento, num período que ficou conhecido de Reforma Protestante, surgiu na Inglaterra a Igreja Anglicana, fundada pelo Rei Henrique VIII, cujos motivos não são necessários aqui definir. Nesse período de Reforma outras duas vertentes do cristianismo surgiram, os luteranos, nos Estados Germânicos e os calvinistas na região da Suíça. Esses últimos, na Inglaterra, têm duas ramificações, os puritanos e os presbiterianos. Nesse caldeirão de seitas religiosas, os calvinistas eram os que não possuíam grandes poderes, e aqui grandes poderes quer dizer que o rei não era um de seus representantes, lembrando que a religião da dinastia Tudor era a anglicana, e da dinastia dos Stuarts a católica. Christopher Hill afirma que a tensão do período da

Revolução Inglesa está, também, ligada ao conflito religioso entre Puritanismo e Anglicanismo para saber qual “[...] deveria ser dominante na Inglaterra”. (HILL, 1987, p.18)

É bom lembrar que não foram apenas colonos ingleses que se instalaram na América. Germânicos, holandeses e suecos também fizeram o mesmo caminho para colonizar o norte do continente americano. O desenvolvimento da colonização da América do Norte fez surgir as Treze colônias, que se emancipariam em 1776 dando origem aos Estados Unidos da América.

Num segundo momento, já entre os séculos XVIII e XIX, a emigração de súditos britânicos para outros continentes se fez pela iniciativa da capitalização da agricultura, ou seja, quando o desenvolvimento industrial proporcionou a chegada das máquinas em lugares antes inacessíveis, e os laços tradicionais entre as populações nativas e seus ancestrais se afrouxam, como explica HOBBSAWM (1996, p. 244-245), aqueles acabaram por descobrir que daquele lugar possuem muito pouco ou praticamente nada.

Mais uma vez, tomando como referencia THOMPSON, é possível analisar a ruptura das tradições e costumes que as mudanças das classes dominantes fez gerar nas classes dominadas. Essa mecanização/capitalização permitiu uma produção de matéria prima para as indústrias têxteis, ou alimentos para abastecer as cidades cujas indústrias que surgiam necessitavam demandas de operários com grande urgência.

Para que houvesse a emigração de contingentes numerosos de emigrantes ingleses e de outras regiões da Europa foi preciso ocorrer uma grande transformação social que veio com a Revolução Industrial do século XIX. Em muitos países ainda com predominância de população camponesa tais transformações auxiliaram na expulsão desses de suas terras, as quais viravam grandes latifúndios devido à capitalização da agricultura já mencionada anteriormente (HOBBSAWM, 1996), e que afrouxou os laços da tradição dos camponeses com seus ancestrais. As melhorias de mecanismos de locomoção, como trens e navios, os quais ajudaram no deslocamento desses migrantes tanto internamente – do campo para a cidade – quanto externamente – entre países ou entre continente – foi outra importante modificação gerada pela Revolução Industrial. O êxodo rural que foi gerado pela transformação do campo aumentou muito a oferta de mão de obra das indústrias nas cidades. Ocasinou também a pauperização e a oferta de baixa

qualidade de vida para os ex-camponeses, agora operários que, para sobreviver, tinham de aceitar baixos salários e jornadas exaustivas de trabalho nas fábricas para a sobrevivência de sua família. (NADALIN, 2001, p.62)

A iniciativa da emigração, para lugares além dos limites territoriais de seu país, permitia aos indivíduos a ideia de melhores condições de vida além daquela perspectiva de proletarização vista nas cidades industrializadas do continente europeu, mais especificamente na Inglaterra, berço da Revolução Industrial. Essa nova perspectiva mostrava um novo horizonte de trabalho, de construção familiar e de construção de riquezas, a chamada “corrida pelo ouro”. Abria caminhos para a construção de algo unicamente seu, “[...] lá onde um sentimento novo dava-lhes condições de triunfar, com muito labor, e escapar da vala comum da proletarização”. (NADALIN, 2001, p.62)

Assim fala NADALIN (2001, p.69) sobre a emigração:

Na Europa, [...], modernizava-se a economia dos países que até então mantiveram-se periféricos ao capitalismo aumentando, também, a pressão demográfica. Em geral, o empobrecimento dos excedentes populacionais do meio rural que não encontravam oportunidades no mercado de trabalho. (2001, p. 69)

Mas nem todos os emigrantes vinham de regiões já industrializadas ou que estavam se industrializando. Regiões italianas, francesas, polonesas, russas, germânicas, ucranianas, de modo geral a Europa passava por grandes transformações que estavam ligadas pelas mudanças proporcionadas pela Revolução Industrial do século XIX e conseqüente capitalização das terras. Para elucidar essas mudanças toma-se como exemplo o caso dos ucranianos que migraram para o Paraná no final do século XIX. Esses partiram de suas terras pelo fato de haver “[...] submissão social e econômica das classes populares que, nessas condições, se viam forçadas a emigrar”. (ANDREAZZA, 1999, p. 16)

Ainda como justificativa para a emigração, principalmente de italianos, relacionavam-se crises econômicas, agitações sociais e guerras, que no caso da Itália passavam pela unificação. (NADALIN, 2001, p.69) Muito parecido com os primeiros emigrantes ingleses que povoaram as treze colônias. Tendo os germânicos mesmo destino perante a unificação Alemã.

Com as análises anteriores é possível distinguir que os motivos que moveram as emigrações europeias para a América partiram primeiramente das colonizações

portuguesas e espanholas no século XVI; de perseguições políticas e religiosas sofridas pelos primeiros colonos dos Estados Unidos da América no século XVII; além da mudança de mentalidade que transformou o feudalismo/mercantilismo em capitalismo, quando foram adquiridas grandes extensões de terras para criar matérias primas que as manufaturas/indústrias necessitavam, no século XIX. A procura das terras fez com que os camponeses fossem forçados a retirar-se para as cidades.

Com a capitalização da produção agrícola para abastecimento de matéria prima para as indústrias e abastecimento alimentício para as cidades, nos séculos XVIII/XIX. Uma segunda transformação ocorreu, quando os espaços que não tinham ainda sido afetados pela primeira mudança foram ocupados pelo novo processo econômico.

Desta forma ocorreu um segundo deslocamento de contingentes populacionais que incharam as cidades, quando essas e suas indústrias, as quais se multiplicavam, necessitavam de demandas expressivas para força de trabalho. Como decorrência disso os camponeses que não se adaptavam ao sistema de trabalho nas fábricas, muito pelo fato de suas tradições e costumes (THOMPSON, 1998), e que viam na emigração a chance de um recomeço para suas aptidões no manejo do solo e com objetivos de melhoria nas condições de vida e emancipação econômica, angariadas pela ideia de uma nova perspectiva e expectativa de trabalho em terras nativas, partiram em busca de riquezas e construções de famílias.

1.3. IMIGRAÇÃO NO PARANÁ.

1.3.1. Situação do Paraná.

E como estava inserida, neste contexto, a região que seria a futura província do Paraná?

Em 1816, colonos açorianos foram instalados para “[...] povoar o antigo pouso, mais tarde registro fiscal do caminho das tropas [...]”, região “[...] constantemente assolada pelos índios [...]”, e que mais tarde seriam Rio Negro e Mafra. (BALHANA, 2002, p.362)

Em 1829, na mesma região que os açorianos foram instalados, em Rio Negro, alemães católicos³ foram assentados. “O estabelecimento, portanto, da primeira colônia de imigrantes alemães no [que seria o] Paraná, se insere em amplo programa de colonização desenvolvido, naquela conjuntura, sob os auspícios do Governo Imperial”. (BALHANA, 2002, p.363)

Sendo as anteriores, colônias financiadas pelo Estado, somente em 1847 colônias particulares apareceriam no futuro território paranaense. Os casos da Colônia Thereza, com imigrantes franceses, idealizada pelo médico francês João Maurício Faivre, e a Colônia de Superaguy em Guaraqueçaba, organizada por Carlos Perret Gentil, que reunia imigrantes suíços, franceses e germânicos. (NADALIN, 2001, p.67)

Com a emancipação do Paraná, em 1853, a política de imigração se manteve, mesmo a Província sendo nova e não possuindo muitos recursos financeiros. Sua economia estava pautada na criação de gado nos Campos Gerais, no comércio de madeira e na exploração da erva-mate. Desta forma a imigração tinha como objetivo trazer contingente para as lavouras de abastecimento e não para inserir mão de obra nas grandes lavouras de exportação. (DE BONI, 1985, p. 8).

Todos os presidentes da Província mantiveram essa política, modificando apenas a preferência em trazer imigrantes europeus ou colonos nacionais⁴. Como afirma Wilson Martins:

Não se encontra praticamente mensagem ou relatório de antigo presidente da província ou governador do estado que não se refira ao problema, que dê notícias de seu progresso ou das dificuldades que se lhe opõem, ou que não sugira medidas a tomar, perigos a evitar, benefícios a promover. Quase todos, igualmente, se mostram convencidos de suas vantagens, com exceção de um ou outro, mais xenófobo, que prefere o colono nacional, ou mais desiludido, que não o prefere de forma nenhuma. (MARTINS, 1989, p. 74)

A iniciativa para criar colônias se pautava no cultivo e abastecimento de produtos alimentícios para os grandes centros urbanos da época, como já referimos anteriormente.

³ É bom lembrar que a especificidade da etnia em questão deve-se ao fato da mulher de D. Pedro I, Leopoldina, ser membro da Casa de Habsburgo, a qual possuía territórios na Áustria e Estados germânicos.

⁴ No atual trabalho não serão mencionadas todas as colônias fundadas no Paraná, sendo elas particulares ou idealizadas pelo Estado. Apenas será observada a iniciativa da imigração de ingleses, tanto sua destinação para a colônia do Assunguy quanto os que vieram espontaneamente (espontânea no sentido de virem por conta própria sem a ajuda do estado ou de agentes).

A fundação de algumas colônias, que possuíam distâncias elevadas de Curitiba, demonstrou seu insucesso em grande parte pela precariedade da infraestrutura – demarcação de lotes indefinidos e estradas para escoar a produção das colônias – que a recente Província possuía. As colônias que prosperaram foram aquelas que mantiveram proximidade ao centro urbano de Curitiba. Grande parte das colônias que circundavam a cidade foram preenchidas por imigrantes de origem italiana, ucraniana, polonesa, germânica entre outras. Sendo que uma parte do contingente germânico migrou da província de Santa Catarina, mais especificamente da colônia D. Francisca (atual Joinville) para Curitiba e região. (BALHANA e outros. 1969, p.156-184)

Para se ter noção da condição da capital paranaense a época, (levando em consideração que uma cidade, por ser capital, deveria ser a mais desenvolvida e importante da região) tomar-se-á como referencia a descrição de Thomas Bigg-Wither, escritor e engenheiro inglês que percorreu a província do Paraná durante sua estada no Brasil entre 1872-1875. Cabe ressaltar que sua impressão foi muito influenciada por seu eurocentrismo.

Primeiro, contudo, temos de escrever um pouco sobre como é Curitiba e verificar se, de fato, merece ser a Capital de tão importante província como a do Paraná.

No ano de 1872, em que escrevo, a cidade de Curitiba podia ter 9.500 habitantes, dos quais 1.500 eram imigrantes, especialmente alemães e franceses. Ela, portanto, não ocupava grande extensão. As ruas seguiam as mesmas disposições peculiares às das cidades estrangeiras. No centro havia grande praça, com 200 jardas talvez de um lado, achando-se a igreja num dos cantos. Mesmo para esta cidade (capital de uma província cuja extensão é maior que a da Inglaterra inteira), a arquitetura desse edifício era muito fraca. Somente em tamanho ele era superior aos prédios da circunvizinhança.

O presidente da província também morava ali. Sua casa, chamada, por cortesia, de palácio, tinha três pavimentos, cômodos, mas de aparência simples. Estava localizada na rua principal e cercada de lojas, dirigidas aparentemente por homens resolutos, que não se limitavam a uma ou mesmo duas espécies de mercadorias, adotando em sistema de negociar inteiramente cosmopolita, para atender da mesma maneira gentil o freguês que viesse comprar um rolo de fumo, como o que quisesse uma jarda de morim. Todas as lojas maiores pareciam ser de propriedade de brasileiros ou portugueses, enquanto a grande maioria das lojas menores estava em mãos de alemães.

Depois de uma descrição das estruturas da cidade e menção ao comércio Bigg-Wither se atem à geografia da região da cidade e volta a descrever a estrutura física dos prédios.

[...] Vimos assim que a cidade ficava numa planície aberta, embora, à pequena distância do lado norte, começassem os pinheirais entremeados de pastagens. Para o lado sul, tudo era uma planície aberta de se perder de vista e tanto o lado do ocidente como o do oriente eram de extensas pastagens, entrecortadas embora de moitas e matas. A falta de altas agulhas de torres ou de edifícios altos ou mesmo das usuais chaminés dá a Curitiba, vista de longe, aspecto muito diferente do de uma cidade inglesa. Quase que se podia classificá-la de aglomerado de tendas e cabanas, formando o campo de um exército na expectativa de receber ordens de partir para outra localidade. O costume, quase universal, de pintar as casas de branco fortalece esta semelhança.

O modo de alimentação também é descrito pelo autor, principalmente quando há fartura e a diversidade de pratos que o arroz é sempre presente:

[...] Voltamos ao hotel às primeiras horas da tarde, as sacolas cheias de narcejas e patos, [...] Nosso jantar nessa noite foi de luxo. A longa mesa rangia de um extremo ao outro, sob o peso da grande quantidade de iguarias. A maior parte dos pratos, quanto ao peso e volume, consistia em arroz, vegetal sem o qual a nossa experiência até o momento verificara não ser completa nenhuma refeição no Brasil. Havia sopa de arroz, frango com arroz, carne com arroz, narceja com arroz, pato com arroz, feijão com arroz, e arroz puro e simples. De bebidas havia cerveja, preta e branca, vinho de Lisboa, tinto e branco, que tinha a cor do vinho da terra, mas cujo paladar nem de longe se assemelhava a este.

As comparações climáticas que são feitas relacionam a Inglaterra, sua terra natal, e a região descrita, Curitiba. Outra importante referência está na descrição das condições precárias de transportes e estradas.

[...] No dia seguinte havia geada no solo e o ar se parecia com o de um claro dia de Natal na Inglaterra.

[...] A primeira dificuldade, com sempre, era obter transporte suficiente. Estradas, propriamente ditas, não existiam a partir de Curitiba. Tudo teria de ser transportado em lombo de burro nesse percurso de 200 milhas, detalhe este que nos escapou na Inglaterra, por ocasião da embalagem. [...] As ferramentas que havíamos trazido da Inglaterra entraram em ação e, arregaçando as mangas da camisa, pusemos mão à obra com vontade, neste ramo prático de nossa profissão, a carpintaria, a fim de poder reiniciar viagem o mais cedo possível.

[...] Todas as noites, depois de trabalharmos o dia inteiro no acondicionamento das bagagens, reunimo-nos num hotel⁵ que estava sendo construído numa extremidade da cidade e que possuía a modesta atração de uma cervejaria anexa.

[...] Então estávamos em agosto e, durante o dia, o sol era muito forte. Contudo, de manhã, quando saíamos, o chão estava coberto de geada. Coisa rara é cair neve em Curitiba. A razão não é porque deixe de fazer

⁵ Esta propriedade, realmente, é que fica na Avenida Batel, em Curitiba, hoje sob a denominação de "Parque Cruzeiro"

bastante frio, mas sim porque a estação fria seja bastante seca, havendo, portanto, pouca umidade a ser condensada, na forma de neve ou de chuva.

Bigg-Wither descreve as impressões entre os imigrantes e os brasileiros no que se refere ao trabalho, principalmente no aspecto do tratamento da terra.

[...] Antes [...] devo dizer algumas palavras a respeito da população alienígena de Curitiba, especialmente da alemã, que é a maior. Como dissemos antes, os alemães estavam bem radicados ali. Eram os donos dos dois únicos hotéis da cidade. Muitas lojas também estavam em suas mãos e eles mantinham o monopólio dos serviços de transporte em carroças pela grande estrada até o mar. Se nos voltarmos para os subúrbios da cidade, veremos hortas bem cultivadas, com muitas hortaliças de uso familiar europeu plantadas nelas. Quando um brasileiro passa por elas diz: “É propriedade alemã!” Se perguntarmos como ele pode saber, responderá logo: “Sei, pela horta”. Também se você enxergar um homem trabalhando com uma pá ou uma picareta, não será necessário olhar-lhe o rosto. Pode dirigir-se a ele em alemão. Todo trabalho que na Inglaterra chamamos de “cavouqueiro” é feito exclusivamente por estrangeiros nesta província, sendo que nove décimos são alemães.

[...] Os brasileiros desprezam esses homens que trabalham com a picareta e a pá e chama-nos desdenhosamente de “trabalhadores do Brasil”. Mas se eles desejam prosseguir a vida em certas cidades de seu próprio país, já é tempo de abandonar essa espécie de orgulho, pois os desprezados trabalhadores podem expulsá-los do campo definitivamente. (BIGG-WITHER, 1974, p. 49-56)

A descrição de Bigg-Wither (1974) serve como forma de ilustrar a região de Curitiba nos anos de 1870. Sua infraestrutura, população e suas rotinas, geografia, o relacionamento entre imigrantes e brasileiros, e o olhar dos brasileiros diante o imigrante.

1.3.2. A chegada dos ingleses ao Paraná.

Segundo Wilson Martins (1989, p. 215) a história dos ingleses no Paraná pode se resumir em três períodos sendo que sua “[...] influência [foi] mais indireta do que direta” (1989, p.215). Indireta quando sua influência estava na construção ferroviária, e no século XX com o “[...] formidável ciclo agrícola do norte do estado” (1989, p. 215). De forma direta na tentativa de colonização em Assungui ou com iniciativas espontâneas dos imigrantes ingleses.

Por decreto imperial em 1859 e tendo sido uma colônia idealizada como possível celeiro do Paraná, Assungui foi inaugurada em 1860 com uma distância de

100 km de Curitiba, tendo duração como colônia até 1882, quando foi emancipada e se tornou cidade de Cerro Azul. (GILLIES, 2007)

A constituição populacional desta colônia não se resumia apenas por ingleses. Além desses havia franceses, germânicos, italianos, suíços, irlandeses e brasileiros tornando-a uma colônia mista. (GILLIES, 2007)

Os imigrantes, aqui referindo-se aos ingleses, eram recrutados por agentes de imigração que “[...] nem sempre eram honestos, os quais fê-los crer que encontrariam prontas na colônia casas, escolas, locais de culto religioso, trabalho, ferramentas e semente, entre outros benefícios”. (GILLIES, 2007, p.4)

Outra questão a ser relevada é a de que os imigrantes recrutados, sendo “[...] pobres, desempregados e famintos [...]” (GILLIES, 2007, p. 4) atraídos pelas promessas dos agentes, ao chegar ao seu destino, se deparavam com o oposto prometido. Além das situações precárias da colônia – casas inacabadas, pontes e estradas inexistentes, terrenos com mata virgem – alguns colonos, não estavam familiarizados com esse ambiente inóspito do campo por já terem uma vivência mais urbanizada em seu país de origem. Wilson Martins coloca essa experiência como uma “[...] inadaptabilidade à vida rural”. (MARTINS, 1989, p.215) Na descrição deste autor que menciona uma notícia do jornal Dezenove de Dezembro de 19 de julho de 1873 é possível observar a tentativa de passar uma imagem do governo cumpridor das promessas, além de transmitir algo organizado, estruturado e muito bem planejado.

É sabido que no Barigüí se achavam alojados, por ordem do governo, os emigrantes (sic) ingleses ultimamente remetidos para esta província, até que na colônia estivessem preparados os lotes e casas provisórias que lhes são garantidos; e, *achando-se prontas essas acomodações*, informam-nos que, apesar de lhes ter sido marcado um prazo razoável, recusam obstinadamente seguir para a colônia, pretextando falta de cumprimento de promessas por parte do governo. (MARTINS, 1989, p. 165). (*grifo meu*)

Como informa Gillies, a falta de critério no recrutamento mostra que:

[...] às ocupações originais, dos 154 [imigrantes] 68 pretendiam dedicar-se à agricultura, 11 às artes, 7 à indústria, 53 ao comércio (sendo 44 destes portugueses) e 15 a outros misteres.

Ou seja, não há evidências de que todos os imigrantes pretendessem dedicar-se à agricultura, mas sim à outras ocupações, predominantemente urbanas: o governo imperial forjou uma política imigratória sob o argumento de que o país precisava de braços laboriosos e morigerados para a lavoura em substituição à mão de obra escrava, mas abriu os portos do país à toda espécie de gente, sem que fosse feito qualquer tipo de seleção que

garantisse a experiência anterior camponesa ou a intenção de tornarem-se lavradores. (Gilles, 2007, p. 6)

Tomando Thompson como referência para analisar esta passagem é possível relativizar que nem todos os imigrantes possuíam mais a aptidão necessária para o trabalho nas lavouras. Muitos possuíam a iniciativa de ingressar em trabalhos fabris ou comerciais nada tendo a ver com a idealização das elites de angariar “braços laboriosos e morigerados” para educar os colonos brasileiros com o modo de trabalho europeu, além de procurar tentar romper com a secular mão de obra escrava predominante no Brasil. Assim como a transição dos costumes tradicionais dos habitantes do campo foi transformada pela mudança imposta pelas classes dominantes, a nova transformação dos membros urbanizados para uma sociedade agrária abalou seus novos costumes. Entra aqui, também, como afirma Gilles (2007), a conduta de não submissão que alguns imigrantes perpetuavam perante a elite local. O que mostra o forte laço cultural que os imigrantes ainda possuíam com suas pátrias mães.

Sem falar, como coloca Wilson Martins (1989, p. 165), que:

O inglês coloniza, não é colonizado: questão de temperamento. Assim, não seria difícil prever que não se sentiriam bem na colônia do Assungui os primeiros ingleses desembarcados no Paraná, para ali encaminhados em 1860. E foi, realmente, o que aconteceu. Alguns, mais obstinados, ficaram, entretanto, e é possível ainda hoje encontrar caboclos alourados, com certa nobreza física, descendentes daqueles pioneiros obscuros. (MARTINS, 1989, p.165)

As não melhorias na infraestrutura da colônia referida fez com que muitos colonos entrassem em contato com a embaixada inglesa e retornassem as cidades inglesas que tinham deixado, julgando ser melhor viver nas condições que lá deixaram do que as que aqui encontraram. (LAMB, 1997)

Para Thomas BIGG-WITHER (1974, p. 337) o fracasso da colonização de ingleses em Assungui envolvem cinco aspectos:

1º - A escolha precipitada de um local, onde, pela ingremidade da região, não se pode usar o arado e outros implementos aperfeiçoados da agricultura e onde não há pastagens a distância razoável que possam manter as mulas de transporte dos produtos para o mercado. 2.º - O preço elevado cobrado aos colonos pelas terras que lhes são loteadas; a melhor prova de que este preço é elevado é que os colonos brasileiros não são excluídos de se estabelecerem nas terras cedidas pelo Governo e não o fazem. 3.º - O descuido e desonestidade dos agentes do Governo brasileiro na Inglaterra, em declararem aptos para uma colônia agrícola certos indivíduos, muitos dos quais realmente não o eram. 4.º - A falta de meios ou

negligência na organização, que torna a viagem do Rio para Assungui desnecessariamente prolongada, do que resulta a desmoralização dos [imigrantes], antes mesmo de começarem a trabalhar, e que permite também ao [imigrante] recém-chegado permanecer frequentemente, durante muitas semanas, nas hospedarias de emigrante da colônia, sem oportunidade de trabalhar, esperando o tempo que pareça conveniente aos funcionários para lhe cederem o lote de terra e a casa que lhe são destinados. 5.º e último – O mau temperamento de muitos [imigrantes]. (BIGG-WITHER, 1974, p.337)

No relato de Bigg-Wither é possível identificar que os motivos, para ele, da estagnação da colônia de Assungui foram ocasionadas, em grande parte, pelas escolhas errôneas do Governo brasileiro e de seus subalternos quanto ao terreno selecionado, a burocracia no transporte dos imigrantes, desonestidade e má percepção dos agentes imigratórios na hora de selecionar os imigrantes aptos para os trabalhos, além da falta de infraestruturas adjacentes como estradas, edifícios entre outros, o elevado índice de cobranças e taxas cobradas dos imigrantes. E ao que parece menos relevante o mau temperamento dos imigrantes perante as adversidades.

De um modo geral foi a expectativa depositada na colônia, junto com as más escolhas do Governo e dos imigrantes que proporcionaram a estagnação da região do Assungui e a tentativa de produção de gêneros alimentícios para abastecimento de centros urbanos.

1.3.3. Encontro de dois mundos.

O mau temperamento sugerido por Bigg-Wither pode ter relação com a experiência que cada grupo imigrante possuía, e também a experiência que o Governo esperava que os imigrantes trouxessem da sua jornada.

Segundo Thompson o processo histórico está baseado na experiência e cultura das civilizações, e não pode-se relacionar o processo histórico a uma única teoria. Como exemplo este autor utiliza-se da teoria do modo de produção de Marx, que definiu que o processo histórico humano está baseado na luta de classes, deixando de lado tantos outros aspectos por Thompson considerados pertinentes. Thompson explica que aspectos como costume, parentesco, hegemonia, fé religiosa, maneiras, leis, instituições, ideologias, entre outros não podem ser

deixadas em segundo plano, pois “[...] tudo o que, em sua totalidade, compreende a ‘genética’ de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria [...] sua pressão sobre o conjunto”. (THOMPSON, 1981, p. 188)

Desta forma, o principal alicerce do projeto imigratório estava pautado nos valores do trabalho, sendo dada ao imigrante europeu a identidade de ser esse possuidor de caráter morigerado e laborioso, do progresso e da produtividade. (LAMB, 1996 p, 97) Deixaram de lado aspectos culturais, de experiência, costumes e tradições que os imigrantes ingleses possuíam em sua bagagem, para apenas serem exploradas as ditas virtudes do trabalho que esses imigrantes deveriam demonstrar.

O desenvolvimento do projeto imigratório acabou por trazer novas perspectivas e também novas preocupações aos representantes do poder público da Província do Paraná com a crescente aglomeração de imigrantes. Como afirma LAMB, as preocupações estavam pautadas nas:

[...] multidões de imigrantes aglomerados nos arredores da cidade, a escassez de empregos – sobretudo para aqueles não familiarizados com a agricultura – punham em cena a insegurança da população ante seus novos vizinhos. (LAMB, 1997, p. 11)

Nessa perspectiva a estrutura colonizadora foi montada. A elite institucionalizou o modo de vida dos imigrantes por meio do trabalho numa tentativa de controle das ações cotidianas do imigrante, não considerando as diversificadas experiências, costumes e tradições que eram vistos como um meio de incentivo para a desordem que influenciava negativamente na produção do trabalho. Tomando como referência Thompson (1998), é a elite dominante que almeja manipular as tradições dos dominados para beneficiar seus interesses, com isso interferindo em festas e bailes, pois para as autoridades os festejos traziam preocupação, e aos imigrantes esses:

[...] dias eram, [...] seus dias de festa, ocasiões em que compartilhavam a companhia de seus companheiros. Eram momentos de prazer, quando também bebiam e brigavam, esquecendo a existência de normas e o *devido respeito* cobrado pelas autoridades; conseqüentemente, eram típicas ocasiões para manifestação de um conflito cultural. (LAMB, 1996, p.97)

Para os patrões, o lazer deveria servir para o descanso do trabalhador, para que esse tivesse condições plenas de produtividade no período de trabalho. E para

que houvesse disciplina existiram decretos que regulamentavam os procedimentos festivos, como o decreto nº491 que desde 1877 “[...] proibira ajuntamentos de pessoas com música, dança e vozerias, nos botequins da cidade”, “[...] assim como [...] a proibição dos fandangos”. (LAMB, 1997, p.99).

Outra preocupação das autoridades foi a de não permitir que os imigrantes possuíssem armas. Determinação esta que gerou conflito quando um grupo de recém-chegados imigrantes ingleses encontraram com ex-colonos de Assungui que haviam desistido de ficar por lá pela falta de condições da colônia informando aos chegados essas condições, o que fez com que aqueles não quisessem partir para Assungui. Nesta conjuntura foi denunciado que alguns colonos tinham em posse armas, ocorrência que acabou gerando uma busca por parte das autoridades ocasionando uma exposição negativa dos colonos ingleses. (LAMB, 1997. p.17)

Não apenas os ingleses foram expostos, também alemães tiveram seus conflitos com as autoridades locais, geralmente relacionados às bebedeiras, os conflitos na capital acabavam em brigas e casos de polícia⁶. Essas tensões fizeram com que a figura do imigrante adquirisse uma dupla face: o “bom” imigrante e o “mau” imigrante. Conforme já foi mencionado, essa perspectiva de “bom” e “mau” imigrante estava fundamentada no elemento do trabalho.

[...] aquele que trabalhava, que não esmorecia ante as dificuldades que a colonização de um território ainda por desbravar pudesse impor, este era o imigrante ansiosamente esperado, o que vinha a estas paragens em busca de “trabalho honesto” e assim concorria para o aumento da riqueza da Província e conseqüente concretização do futuro antevisto; já os “maus” imigrantes, eram os protagonistas dos distúrbios que frequentemente aconteciam na capital. (LAMB, 1997, p. 36)

Mesmo esses imigrantes considerados pela elite “bons” imigrantes e que trabalhavam em obras públicas ainda tinham que esperar longos períodos pelo pagamento, quando “muitos jamais receberam o que lhes era devido por alguns dos serviços”. (GILLIES, 2010, p.110) Como afirma Ana Gillies sobre os entraves no pagamento dos serviços prestados pelos imigrantes:

O descumprimento permanente das promessas feitas aos colonos levava-os a queixarem-se às autoridades locais, nacionais e, principalmente, aos seus órgãos diplomáticos. A revolta de 1873, com manifestações públicas e motins supostamente armados, chegou a preocupar sobremaneira a direção

⁶ Robert Lamb informa em seu trabalho “uma jornada civilizadora” que em 1873 ocorreu um conflito entre germânicos e praças (policiais) exacerbando as divergências étnicas entre nacionais e imigrantes. (p. 23-34)

da colônia e as autoridades da capital, levando-os a utilizar força policial para conter os revoltosos. (GILLIES, 2010, p. 110)

Todas as medidas de contenção de distúrbios tomadas pela elite tinha como fim construir a sociedade paranaense estruturada na “[...] democracia, cultura, virtudes, beleza, bem-estar, confraternização, movimento, trabalho, lazer, enfim, *ordem e progresso*” (grifo no original). (DE BONI, 1998, p. 14) Sendo, portanto, como afirma DE BONI, “[...] concretizado o projeto político da classe dominante, ou seja, a *civilização*” (grifo no original). (1998, p. 14)

2. UMA FAMÍLIA INGLESA NO PARANÁ.

2.1. CHEGADA E INSTALAÇÃO DA FAMÍLIA WITHERS.

Conforme analisado no capítulo anterior, o processo imigratório envolvendo os ingleses no decorrer do século XIX possuía diferente intenção em relação às demais nacionalidades que imigraram no mesmo período. Como espanhóis e portugueses nos séculos anteriores, ingleses já haviam experimentado o processo imigratório muito antes de outros Estados europeus, os quais só teriam a “primeira” experiência imigratória no século XIX – não como colonizadores, mas sim como indivíduos chegados para o trabalho e povoação de territórios com elites já estabelecidas. Iniciativa diferente, pois os ingleses vinham com objetivos já estabelecidos ligados ao desenvolvimento do comércio e fábricas que estavam ligadas a matrizes encontradas em terras britânicas.

Mesmo assim, não se pode generalizar partindo do princípio que todos os ingleses que chegaram ao Brasil no séc. XIX vinham com iniciativa empreendedora. Como também visto anteriormente alguns ingleses tinham como destino colônias, nas quais iriam trabalhar com o solo na produção de gêneros alimentícios, outros trabalhavam em fábricas instaladas nas cidades. E outros ingleses, com ligações empregatícias em casas de comércio inglesas, se estabeleciam em grupos sociais mais influentes. Foi com esta perspectiva que uma família imigrante inglesa se estabeleceu na cidade de Curitiba no último quartel do século XIX.

Para melhor entender a presença de imigrantes ingleses em Curitiba, buscou-se Norbert Elias que discute em “estabelecidos e *outsiders*”⁷ as relações entre grupos de indivíduos que vivem em determinada comunidade e que são diferenciados nesse local pela data de chegada, fato que interfere na convivência e inter-relação dos grupos. Os estabelecidos, com maior tempo de chegada ao local, e os *outsiders*, recém-chegados, que são considerados uma espécie de forasteiros. Para os estabelecidos, os *outsiders* são inferiores socialmente por não pertencerem ao meio de influência no qual aqueles estão inseridos. A comunidade analisada por

⁷ A discussão em torno dos estabelecidos e *outsiders* de Elias (2000) está relacionada com a vinda de imigrantes com condições socioeconômicas já determinadas, caso dos Withers como será visto. Diferente de outras levadas de imigrantes que chegaram ao Brasil que seriam designados como membros de futuras colônias não tendo relações sociais com as elites aqui existentes.

Elias mostrou que os dois grupos, estabelecidos e outsiders, não se misturam, que os outsiders são estigmatizados como inferiores socialmente em relação aos estabelecidos, e que perpetuam essa situação automaticamente, acabando por não discordar nem interpelar o motivo da exclusão. Possuindo poder de manutenção da referida situação, os estabelecidos criam barreiras muitas vezes intransponíveis que fazem com que os outsiders não penetrem em sua zona de influência, e aquele, estabelecido, que mantém relações com os outsiders, abrindo as devidas brechas nas barreiras sociais, tornam-se exemplos negativos para os demais membros de sua zona de influência.

As relações sociais na cidade de Curitiba no final do século XIX podem ser relacionadas pelos conceitos de “estabelecidos e *outsiders*” de Elias, pois, segundo Gillies (2011, p.15), famílias estabelecidas ignoravam *outsiders* de seus círculos de influência. Porém, existiram também famílias aqui estabelecidas que abriram as barreiras sociais e mantiveram relações com *outsiders* aumentando sua zona de influência, pelo fato de existirem, entre estas pessoas, laços comuns de origem patriótica, por se tratarem de imigrantes de um mesmo país europeu.

As relações abertas entre estabelecidos e *outsiders* em Curitiba estão vinculadas com famílias como os Withers, que mantiveram afinidades com *outsiders* vindos da Colônia Assunguy. Conforme Gillies, “as famílias britânicas com quem Caroline⁸ mantinha laços mais estreitos eram os *Withers, industriais conhecidos na cidade*, seguidos pelos Masons, empreiteiros e os Balster, leiloeiros, [...]” (grifo meu) (GILLIES, 2010, p.15). A interação entre os membros estabelecidos com os recém-chegados foi mantida com a amizade entre as mulheres das famílias, entre os filhos, caso de Thomas Withers e George Withers com Frederick Tamplin, filho de Caroline. Florence e Gertrude, filhas de Margaret Withers, a matriarca da família, mantinham relações com a senhora Tamplin pelas aulas de piano que recebiam,

Ela [Caroline] também recebia em sua casa, para aulas de piano, Florence Withers que, a pedido de sua mãe, Mrs Withers, tinha três aulas de meia hora por semana; poucas semanas depois, no começo de junho de 1881, a Sra. Withers pediu que Caroline ensinasse também a outra filha, Gertrude. As meninas devem ter-se dedicado ao estudo de piano porque eventualmente o Sr. Withers colocou

⁸ Caroline Tamplin foi uma colona de Assunguy que se mudou para Curitiba após o falecimento de seu marido, assim sendo considerada uma outsiders. Junto com seus filhos encontrou estabelecidos que ajudaram-na a manter residência na capital da província paranaense por um determinado período.

diversos anúncios no jornal procurando um piano para comprar ou alugar (GILLIES, p. 134).

A relação entre as duas famílias pode ser resumida na seguinte citação da autora Ana Maria Gillies:

[...] os Withers têm uma fábrica de carnes, banhas e presuntos; os meninos são amigos de Fritz; as meninas Florence e Gertrude são suas alunas de piano; o casal é seu amigo – a Sra. Withers é a amiga de todas as horas, na saúde e na doença; o Sr. Withers vem à sua casa para jogar, fumar seu charuto. (GILLIES, p.136)

A família Withers, que imigrou para o Brasil era constituída pelos membros paternos e seus filhos: o patriarca William Withers⁹ (anteriormente mencionado como Sr. Withers) e a matriarca Margaret Withers¹⁰, os filhos: William, o primogênito; Harry, Thomas, George, Florence, Gertrude, Charlie, Percy, Manoel, Isabel e Alice. Por dedução é possível interpretar que a escolha dos nomes dos três últimos filhos informa que o seu nascimento ocorreu quando a família já se encontrava no Brasil.

Além de George, Florence¹¹ e Gertrude¹² que já foram mencionados, outros irmãos têm rastros na documentação levantada. Com a análise da lista de nomes de prefeitos, disponibilizada pelo endereço eletrônico¹³ da Prefeitura de Curitiba, Percy Withers aparece como prefeito de Curitiba no ano de 1920 sendo que seu antecessor havia deixado o cargo no mesmo ano da posse de seu sucessor, 1920, fato que confirma ser seu mandato, simplesmente como um “mandato tampão” entre os mandatos de João Antônio Xavier (1917-1920) e João Moreira Garcez (1920-1928)¹⁴.

Isabel Withers, um dos filhos nascidos no Brasil (interpretando o abraqueiramento dos nomes) casou-se com Henry Gomm, outro imigrante inglês cujo ramo industrial estava pautado no comércio de erva-mate. Sua residência tornou-se famosa em Curitiba por se tratar da Casa Gomm, edifício tombado que foi realocado para trás do Shopping Pátio Batel, construído sobre o terreno que outrora pertenceu a Isabel Withers Gomm e seu marido. Cid Destefani assim explica.

⁹ William Withers nascido em Twickenham, Inglaterra, e falecido em Curitiba em 28.12.1898.

¹⁰ Margareth Corfe nascida em Twickenham, Inglaterra, e falecida em Curitiba em 19.11.1924.

¹¹ Por casamento Florence Rotbart.

¹² Por casamento Gertrude Sands.

¹³ <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/relacao-dos-prefeitos-de-curitiba/4>

¹⁴ No período, 1920, o prefeito de Curitiba era nomeado pelo Governador do Estado. Assim, Percy Withers pode ter sido nomeado para o cargo até que outro governador fosse indicado, para que a partir disso fosse feita a nomeação de João Moreira Garcez.

De origem inglesa, o patriarca Henry Gomm estava ligado ao comércio de erva-mate, casou com a filha de outro inglês, da família Withers, moradora no Batel desde o século dezanove e que tinha uma indústria de embutidos na região do Barigui. A mansão de mister Gomm era um dos orgulhos do bairro. Após seu falecimento, a viúva, Dona Isabel, fazia questão de fazer, na época do Natal, uma festa onde reunia amigos e, principalmente, conhecidos moradores do bairro, que participavam da ceia e dos brindes natalinos. ... [ela] fazia questão de preparar suas receitas de bolos e pudins a serem servidos aos convivas. (A PORTA, 2013. n.p.)

Como já mencionado os Withers eram industriais que estavam no ramo da carne e embutidos. Segundo informações encontradas em uma publicação sobre a “fábrica de Bacon do Barigui” os Withers descendiam “... de uma família de fornecedores de carnes, a qual é conhecida por gerações em relação com a indústria de carne de Romsey, Hants, Inglaterra, e Twickenham, Rickmansworth, e outros lugares”. (DOUGLAS, 1910)

Na mesma publicação, o patriarca, William Withers, “[...] saiu do [chegou ao] Brasil há muitos anos atrás sob os auspícios da Cia. De Carne do Paraná” (sic) (DOUGLAS, 1910). Na realidade, pela errônea tradução dos documentos William Withers veio como empregado da Paraná Meat Co. Companhia que abastecia de carne seca de porco e boi os navios dos portos de Santos, Rio de Janeiro e Paranaguá. Em cartas trocadas, no período de 1889 a 1891, com sua futura esposa, seu filho, William Lookwood Withers comentava dos atuais e futuros planos de seu pai em relação à produção de carne.

No momento estou trabalhando duro com meu pai e irmão (Harry) abatendo gado e gerenciando nossa fábrica de sabão. *Meu pai está muito ocupado montando uma empresa para trabalhar no negócio de salga toucinho e presunto com muita perspectiva de sucesso.*

[...] Meu pai não irá nem poderia ficar encarregado disto, pois ele tem um negócio que lhe toma a maior parte do tempo. (grifo meu) (WITHERS, 15 mar. 1891).

O “tal negócio” mencionado por W. L. Withers¹⁵ que ocupava o tempo de seu pai estava relacionado a participação dele nos Moinhos de Trigo do Rio de Janeiro

¹⁵ É importante aqui informar ao leitor que o mesmo nome de pai e filho, William, pode gerar confusão na hora de esquematizar a história da família. Assim sendo, outro fato que traz confusão, se não for corretamente informado, é o costume do abasileiramento dos nomes dos imigrantes. William pode ser traduzido para Guilherme, ocasionando assim outro problema na busca e interpretação das fontes, pois o neto de William Withers e único filho homem de William Lockwood Withers, nascido na última década do século XIX, foi nominado de Guilherme Withers.

como agente do Estado do Paraná. William Withers viajava para o Rio de Janeiro ou recebia visitas de hóspedes oriundos da capital imperial, em razão de sua fábrica estar ligada com a exportação de “[...] carne salgada e carne de porco para grande número de navios mercantes os quais naquele tempo abasteciam-se nos portos brasileiros, especialmente Rio de Janeiro e Santos”. (DOUGLAS, 1910)

Não posso escrever muito hoje pois estou muito ocupado. Meu pai foi ao Rio de Janeiro a negócios e levou minha mãe com ele numa viagem de lazer. Além dos negócios que tenho que tomar conta sozinho, tenho os cuidados da casa sobre meus ombros e também dois hóspedes ficando aqui (cavalheiros ligados à nossa casa no Rio, que vieram aqui para benefício de sua saúde) para atender (WITHERS, 08 set. 1891).

Retomando a iniciativa empreendedora desta família, William Lockwood Withers¹⁶, anteriormente citado, faz alusão a sua experiência com o manuseio da produção de carne, “[...] quando esta companhia for formada serei o gerente. De fato sou indispensável a ele [seu pai] com meu conhecimento na parte prática do negócio”. (WITHERS, 15 mar. 1891)

Os fracassos da Cia de Carnes do Paraná, pela ausência de mecanismos de acondicionamento e refrigeração, mostraram ser um terreno bastante fértil para William Withers e seus filhos, W. L. W. e Harry. Pois, segundo a mesma publicação sobre a Fábrica de Bacon do Barigui (DOUGLAS, 1910), o pai de William Lockwood resgatou “[...] o que fora deixado das aplicações da companhia de carnes e depósitos [...]” e montou seu próprio negócio com seus filhos William e Harry. Mais especificamente, com a falência da Paraná Meat Co., William Withers assumiu as instalações da mesma e se estabeleceu por conta própria desde 1877, aonde trabalhava no ramo das carnes frescas e secas. A experiência descrita por William Lockwood pode ter sido adquirida com a lida na fábrica de carne e no trabalho junto à antiga Cia de Carnes do Paraná.

Continuando a comercialização de carnes, mesmo sem um mecanismo de refrigeração adequado e com instalações em precárias condições, os Withers foram “tocando” a produção de “[...] consideráveis quantidades de bacon e carne seca

Então, na leitura e interpretação de notícias de jornais e documentos é comum encontrar citações fazendo referência a nomes como William Withers, Guilherme Withers, Guilherme Withers Junior e Guilherme Lockwood Withers. Para ser mais fácil o entendimento da trama delimitaremos os nomes dos personagens em William Withers, (pai), William Lockwood Withers, (filho) e Guilherme Withers (neto). Ou pelas iniciais W. W. – W. L. W – G. W. respectivamente.

¹⁶ William Lockwood Withers nascido em Londres em 13. 12. 1863 e falecido em Curitiba em 10. 12. 1920.

para o Rio de Janeiro” (DOUGLAS, 1910), também em pequenos negócios durante o inverno com o envolvimento de banha, presunto e bacon, que, entre 1877 e 1888, acabou por se tornar um bom negócio.

Tomando Thompson (1998) como referência, os costumes empreendedores no ramo de carnes que os Withers possuíam, pois descendiam de gerações de produtores de carne na Inglaterra, conforme abordado anteriormente, os fez desenvolver um comércio de exportação que envolvia os portos de Santos e Rio de Janeiro e ainda abastecia o mercado local em determinadas épocas do ano.

2.2. UMA HISTÓRIA DE AMOR NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO.

Do dia que nascemos e vivemos para o mundo
 Nos falta uma costela que encontramos num segundo
 Às vezes muito perto desejamos encontrá-la
 No entanto é preciso muito longe ir buscá-la

(Vicente Celestino)

Antes de dar continuidade com a viagem de William Lockwood será necessário contextualizar sua vida até esse momento. Lockwood nasceu em Londres na Inglaterra sendo o primeiro filho do casal William e Margaret, e, segundo consta na história da família, seu nome Lockwood foi devido a um apadrinhamento que recebera. Vindo com os pais para o Paraná, não se sabe certamente a data, entrou nos negócios do pai como era costume da época, num determinado momento, mais precisamente no ano de 1889, de sua vida de imigrante estabelecido em Curitiba resolveu partir em viagem cujo destino final era Valparaíso. E como era costume antes de sua partida fez anúncio em jornal da época, para “[...] informar sua partida e despedir-se formalmente [...]” (GILLIES, 2010, p. 150)

Despedida

O abaixo-assinado, tendo de se retirar-se para fora da província e não podendo por falta de tempo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, o faz por este meio, oferecendo-lhes os seus limitados préstimos em qualquer lugar onde estiver. Guilherme [William Lockwood] Withers. (DEZENOVE ap. GILLIES, 2010, p.150) *(sic)*

Conforme já exposto William Lockwood partiu do porto de Paranaguá em viagem para Valparaíso, aonde nunca chegou devido a avarias que seu navio sofreu por razão de uma colisão ocorrida no cabo Horn. Tal contratempo ocasionou sua estadia por quinze dias nas Ilhas Falklands, mais precisamente em Port Stanley, lado leste da Ilha, aonde conheceu Emily Ellen Hummel¹⁷ que futuramente se tornaria sua esposa, e com quem se correspondeu por cartas¹⁸ no período de 1889 a 1891. Após sua estadia nas Falklands, William Lockwood tomou um navio a vapor em direção a Inglaterra com uma parada na capital uruguaia, Montevidéu.

Aqui fica um questionamento sobre seu primeiro destino, Valparaíso, e sua nova rota com destino a Inglaterra. Pode-se levar em consideração que William Lockwood, por ter nascido em Londres, tivesse o desejo de retornar a sua terra natal num sentimento de nostalgia. Outra interpretação possível é aquela que acompanhava, de modo geral, os imigrantes nesse período, quando tinham o desejo de retornar aos seus lares de origem levando as riquezas conseguidas nas terras desbravadas com seu suor imigrante.

O que se sabe é que após sua passagem por Montevidéu, onde julgou ter sido muito proveitosa sua estadia pela realização de negócios, William Lockwood escreveu uma breve carta a Ellen perto de chegar a Lisboa. Nesta, ele comenta sua inexperiência na escrita de cartas, principalmente às damas.

[...] eu não pude resistir ao desejo de escrever estas poucas linhas para deixa-la saber que estou bem e assegurar a você meu amor. Você deve perdoar quaisquer falhas em minha carta pois ela é não só a primeira carta de amor que escrevo mas também, excetuando minha mãe, a primeira que escrevo a uma dama. (WITHERS, 14 dez. 1889)

Antes é preciso abordar uma terceira vertente sobre a viagem de William Lockwood, na qual suas intenções estavam ligadas a busca de mercado exportador para o negócio que seu pai estava montando e que será mencionada futuramente.

¹⁷ Emily Ellen Rummel nascida nas Ilhas Falklands em 08.06.1865 e falecida em Curitiba em 28.02.1904

¹⁸ Nesse período entre a saída das Falklands, incursão a Inglaterra e retorno para a cidade de Curitiba será analisada a partir das cartas que ele enviou para Miss Emily E. Rummel. Só será possível analisar as cartas que ele enviou a ela pelo fato dela ter guardado as correspondências, quanto às cartas que ela mandou para ele se perderam no tempo. As traduções das cartas foram feitas por um integrante da família Withers, pois as originais estão no idioma inglês. As cartas originais se mantêm em posse dos membros da família.

Voltando a sua inexperiência na escrita de cartas, o conteúdo que William Lockwood escreveu na maioria das correspondências reflete seu amor incondicional a Ellen, mesmo com o surgimento de contratempos. Outro assunto bastante abordado esteve relacionado a descrição de sua família, talvez como forma de informar sua futura esposa sobre os membros de sua família e o convívio entre eles.

Um fato que não consta nas correspondências, e por se tratar de um período brasileiro pós-abolicionista é a menção de escravos que poderiam ter passado pela família ou pelas fábricas/comércio que estavam em posse da família, ou também, a menção de libertos que procurariam trabalho nesses locais de produção e comercialização. Uma explicação para essa ocorrência está relacionada com a baixa população de negros no Paraná em relação a outras regiões do Brasil, devido à venda dos planteis no meio do século, conforme visto no capítulo anterior. E junte-se a isso o repúdio demonstrado pelos ingleses quanto à escravidão de negros perpetuada no Brasil no decorrer do século XIX.

Seguindo com a viagem e análise das cartas o trecho anterior mostrou que seu passatempo na viagem até Lisboa resumiu-se a leitura, “estive lendo quase todo tempo e li Davon que estava na biblioteca do navio”. Demonstração de que como sendo um homem culto procurou na literatura um passatempo agradável.

Desde sua partida de casa, em agosto de 1889, William Lockwood se preocupava com seus pais e sua amada que no mesmo período partiu das Ilhas Falklands com destino a Rosário. Os motivos para o deslocamento de Ellen e sua mãe para Rosário são desconhecidos, afinal sua irmã permaneceu nas Ilhas Falklands, essa mudança pode ter ocorrido pela busca das duas por um lugar mais atraente para suas vidas, além de estarem vivenciando um período de grande imigração em que alguns imigrantes perambulavam por países até encontrar algo que os fizesse fixar raízes em determinada região, ou algo que os enriquecessem para retornarem para sua pátria mãe.

Voltando a citação:

Fazem agora cinco meses que saí de casa, e tantas coisas podem ocorrer neste tempo, entretanto espero encontrar tudo bem na Inglaterra e receber cartas suas e de casa alguns dias após minha chegada. Estou ansioso em saber como foi sua viagem a Rosário. (WITHERS, 14 dez. 1889)

Nas últimas linhas dessa primeira correspondência, William Lockwood pede uma singela fotografia para lembrar-se de Ellen, pois não possui nada material que a lembre, “Não esqueça querida, de mandar sua foto como prometido, tão rápido quanto possível porque eu não tenho nada que me lembre você” (WITHERS, 14 dez. 1889). Ao finalizar a carta faz menção ao grande carinho e amor que ele sente por ela, além de mandar lembranças à mãe de Ellen, Joana, dois fatos que sempre estavam presentes em suas correspondências. “Em espírito lhe mando abraços beijos e amor de, querido amor, seu afetosamente William Lockwood Withers. Ps: Dê minhas lembranças a sua mãe”¹⁹. (WITHERS, 14 dez. 1889) Essa cordialidade demonstrada por William Lockwood nas cartas pode estar relacionada com a instrução que sua mãe buscou dar aos seus filhos quando anteriormente obtinha os serviços de Caroline Tramplin para a educação de suas filhas Florence e Gertrude.

Outro fato que se repetiria, mas não se tornaria corriqueiro estava relacionado a demora no traslado das cartas, como lacunas de meses de distância entre uma carta e outra, ou como aconteceu e relatado por William Lockwood, a entrega de várias cartas ao mesmo tempo. Talvez a demora tenha sido mais incômoda para William Lockwood por razão de sua já mencionada inexperiência na troca de correspondência, mais sabemos que Ellen recebeu a maioria das cartas, pois elas seguem uma ordem coesa em seus conteúdos²⁰. Este fato explica a grande distância entre as primeiras cartas, tendo sido a primeira datada de 14 de dezembro de 1889, a segunda tem data de 10 de julho de 1890 e começa com o fato do não recebimento de cartas, tanto de Ellen quanto da mãe de William, Margaret. “Recebi esta manhã sua doce mas triste carta de 22 de maio. Estou muito triste em saber que você não recebeu nenhuma carta minha e que tenha estado tão doente”. (WITHERS, 10 jul. 1889) Aqui se tem a noção de que uma carta enviada por William Lockwood não chegou ao destino tendo sido entregue tempos depois, ou extraviada no caminho. Carta na qual ele afirma que Ellen deve esquecê-lo.

Eu espero e confio que você receba esta apesar de temer que ela lhe faça tão miserável quanto me faz ao escrevê-la. Na minha ultima carta eu lhe pedi para me esquecer, não que eu tenha parado de lhe

¹⁹ As cartas que William Lockwood enviou têm em seu conteúdo três assuntos básicos que serão vistos aqui. Primeiro a relação amorosa entre ele e Emily Ellen; segundo informações sobre os negócios da família no qual estava inserido; terceiro são informações adicionais sobre a família dele, a cidade e região onde vive, além das relações sociais com membros inseridos no cotidiano da Família Withers.

²⁰ A demora no traslado das correspondências, nas primeiras cartas, pode ser ocasionada pela grande distância entre Argentina e Inglaterra, lugares onde estavam os dois amantes.

amar. Isto eu nunca farei, mas tenho sido muito tolo e desafortunado, ah porque não parei em Montevidéu e fui com você para Rosário ao invés de fazer esta tola viagem para a Inglaterra. (WITHERS, 10 jul. 1889)

Ao julgar tola sua viagem a Inglaterra, supõe-se que a fazia por simples distração ou aventura, talvez uma forma de voltar a sua terra natal, por saudades de rever parentes, ou pela simples iniciativa de buscar clientes para os negócios de carnes salgadas, presunto e bacon, que seu pai estava montando. Certo é que as cartas ocasionam histórias e interpretações diversas, principalmente quando nelas aparecem infortúnios como o que passou William Lockwood em sua passagem pela Inglaterra.

O fato de pedir que Ellen o esquecesse mostra que William Lockwood pensava que sua posição atual seria eternizada e que Ellen não deveria perder tempo com um desafortunado como ele, afinal ela já possuía idade de 24 anos podendo ser considerada fora da idade para o casamento naquela época.

A repentina ideia de separação e esquecimento estava ligada as adversidades encontradas no percurso, pois chegado à Inglaterra os planos de recebimento de valores não foram efetuados e a quantia levada acabou.

Sem entrar em muitos detalhes é suficiente dizer que ao invés de receber dinheiro como esperava eu perdi e gastei o meu. Os parentes que estão bem de vida me trataram com frieza e os outros são pobres e não puderam me ajudar. Assim após três meses estando quase sem dinheiro, pois além de minhas despesas eu fui roubado de uma quantia considerável e não sendo capaz de arranjar um emprego adequado num acesso de solidão e desespero eu me alistei na cavalaria. (WITHERS, 10 jul. 1889)

O alistamento no exército foi uma medida encontrada no desespero do momento, sem ajuda dos parentes ricos e parentes pobres pelos motivos que cada um possuía – os ricos desconsideravam os parentes menos afortunados, e os pobres até tinham a intenção de ajudar, mas não possuíam recursos – foi necessário encontrar outra forma de sobrevivência transformando totalmente o futuro do jovem rapaz apaixonado e por isso a busca pela felicidade de Ellen, mesmo não sendo ao seu lado. Apesar de ver possibilidades de promoção na sua nova carreira, William não vangloriaria o futuro que contemplava.

Este passo eu dei em 15 de março. Pondo de lado a questão de distância que me separa de você e a presente impossibilidade de nos encontrarmos, a vida é boa estou indo bem e tenho toda a chance de

promoção pelo menos a nível de “warrior officer” que é muito bem pago e uma boa posição. Meu modo de vida anterior me fez atlético e um bom cavaleiro e atirador que são os principais requisitos na cavalaria. Assim a não ser que alguma coisa mude eu não vejo perspectiva de fazer nada mais e apesar de nunca poder parar de pensar em você e amá-la querida, você deve me esquecer e tentar ser feliz de outro modo. Involuntariamente eu te prejudiquei e teria sido melhor para você se nunca nos tivéssemos encontrado, apesar de que levarei sempre comigo a memória daqueles poucos dias tão felizes. (sic) (WITHERS, 10 jul. 1889)

Pois para ele, manter cultivado um grande amor que havia encontrado nas Ilhas Falklands era muito mais prazeroso do que o restante das coisas que o destino lhe reservava.

E assim, preocupado com a saúde debilitada de Ellen, William Lockwood descreve sua rotina no exército a qual se resume em dormir, fazer exercício e trabalhar. “Vamos para a cama cansados toda a noite e caímos no sono para levantar de novo as 5 da manhã e com uma vida regular como esta não se pode ser senão saudável”. (WITHERS, 10 jul. 1889) Nada mais interpretativo do que mostrar sua condição física.

A situação em que se encontrava William Lockwood, que já era bastante desconfortável, ficou ainda pior quando houve a possibilidade dele ser convocado para uma incursão para a Índia. Distanciando-o mais ainda de seu amor e familiares.

Existe a possibilidade, apesar de não ser certeza que eu possa ser mandado na próxima convocação no fim do ano para a Índia para nos unirmos ao regimento que está no presente estacionado em Rawul Pindi, mas mesmo que isto aconteça uma carta enviada ao endereço que dei me achará, e será muito esperada. Apesar de não pedir que escreva e nem mereça isto me fará muito feliz saber de você. (WITHERS, 10 jul. 1889)

Nota-se que William não estava gostando da sua condição de alistado do exército real e nem da possibilidade de nunca mais ver Ellen, mas mesmo assim mantinha seu destino. Criando hipóteses para um desfecho positivo diante de sua condição financeira e amorosa, na carta seguinte do dia 18 de setembro de 1890, analisa duas possibilidades sobre seu futuro.

Eu penso ser possível que talvez antes de ir para a Índia, o que tanto quanto sabemos será em janeiro, eu possa conseguir minha dispensa e voltar a América do Sul. Neste caso tenho duas alternativas, a primeira ir a América do Sul, digamos a Rosário, sem dinheiro e trabalhar duro e tentar conseguir uma posição, o que penso poder eventualmente fazer, pois estou acostumado a trabalhar duro e

conheço bem dois ou três negócios, ou permanecer no Exército e trabalhar por promoção o que é frequentemente demorado apesar de já ter obtido o primeiro passo pois estou sendo promovido a cabo na próxima semana e ter sido elogiado por nosso capitão pela maneira como tenho me comportado neste curto período que estive no Exército. (WITHERS, 18 set. 1890)

Suas aptidões demonstradas no exército mostrava ser possível uma carreira promissora, mas também o deixava mais longe de seu principal objetivo que era ao lado de Ellen.

A existência do preconceito de famílias inglesas com o alistamento de parentes no exército fica demonstrada quando o Rev. Harris tenta entrar em contato com William Lockwood e não tem sucesso. Rev. Harris era cunhado de Ellen e tentou saber do paradeiro do jovem rapaz na Inglaterra, para isso enviou uma carta para o avô de William Lockwood, que ainda residia na Inglaterra. Entretanto o avô de W.L.W., em resposta ao Rev. Harris, afirmou desconhecer a localização de William Lockwood. Após saber da tentativa de Rev. Harris de entrar em contato com ele, William Lockwood explicou os motivos, para Ellen, da omissão de seu avô sobre seu paradeiro, “isto é devido ao preconceito inglês contra o Exército. Meu avô e seus parentes morrem de medo que alguém descubra que me alistei”. (carta de 18/09/1890) O preconceito mencionado não devia ser muito vexatório, afinal existiam parentes com condições financeiras, os quais já foram mencionados anteriormente, que podiam ter ajudado o rapaz no momento de maior dificuldade. A principal mensagem contida na carta de 18/09/1890 foi o aparecimento de possibilidades sobre o futuro que poderia ocasionar uma viagem para a Índia e carreira no exército, ou a possível dispensa e retorno para a América do Sul.

O destino conspirou a favor de William Lockwood, pois em carta destinada a Ellen do dia 15 de março de 1891, com a localidade do cabeçalho sendo de Curitiba, ele explica a ela o acontecido que o fez retornar para a casa. Carinhosamente chamando-a de Nell, ele inicia a carta mencionando a correspondência que ela teria enviado a ele no dia 20 de fevereiro. Depois explica sua atual situação.

Eu me apresso em responder e confio que um navio passe brevemente de modo que você receba esta em alguns dias. Eu esperei muito uma carta sua antes de deixar a Inglaterra, pois havia tempo suficiente para uma resposta à que eu mandei e como não recebi uma conclui que você não queria mais saber de um desafortunado como eu especialmente por não ter recebido uma resposta da carta que escrevi a Mr. Harris. (WITHERS, 15 mar. 1891)

Por já ter abordado sua passagem pela Inglaterra e que a havia deixado, continua a carta explicando os fatos que o trouxeram de volta a Curitiba.

Darei contas agora das razões que me fizeram deixar a Inglaterra da maneira abrupta como fiz. Pouco depois de lhe escrever eu recebi diversas cartas muito pressionadoras de casa de meu pai, mãe e irmão Harry para que eu deixasse o Exército imediatamente e voltasse ao Brasil e se eu estivesse em dificuldades por falta de meios devia telegrafar dizendo a quantia necessária que seria enviada de imediato. Como preferia não pedir nenhum favor aos 'assim ditos' meus amigos na Inglaterra, eu telegrafei pedindo £50 o que com o que tinha era suficiente. O dinheiro foi mandado mas com a demora necessária não chegou senão no fim de outubro. (WITHERS, 15 mar. 1891)

E continua sua descrição dos acontecimentos sobre seu embarque eminente para a Índia, mostrando os movimentos coloniais do Império Britânico, frequentes no período do século XIX.

Eu estava como penso ter dito em minha carta avisado para zarpar com a convocação para serviço na Índia, o qual deixava a Inglaterra no dia 20 de novembro e me foi dito por amigos militares bem informados que era muito tarde para conseguir minha dispensa a qual custava £18 e que muito provavelmente não seria concedida pois eu estava sob ordens para serviço no estrangeiro e mesmo que não fosse recusado as formalidades usuais levariam tanto tempo que eu estaria a caminho da Índia antes que fosse emitida e uma vez na Índia seria quase impossível voltar. (WITHERS, 15 mar. 1891)

Sofrendo pressões dos familiares, e já decidido sobre suas ações, muito por sua vontade de retorno, mesmo que demonstre certo repúdio sobre seus atos, ele tomou a decisão que muito se parece com a que fez ao ingressar no exército.

Eles [os amigos militares bem informados] me aconselharam a tomar o caminho usual nestes casos e desertar, posteriormente, se eu desejasse poderia enviar o dinheiro da dispensa aos militares. Este caminho era repugnante aos meus sentimentos mas recebendo outra carta urgente de casa resolvi fazê-lo. Fui diretamente a Londres mudei meu uniforme para as roupas civis e parti para o Brasil no primeiro navio que partia de Southampton, o navio do Correio Real Madalena. (WITHERS, 15 mar. 1891)

Ao deixar transparecer certa educação em suas cartas, William Lockwood pareceu querer mostrar para Ellen uma representação sua de homem correto e honesto que buscava, em suas escolhas, parecer responsável e independente, tentando resolver sozinho seus problemas, sem querer atrapalhar os demais envolvidos.

A viagem de volta consumiu muito sua saúde, pois além de mostrar os desgastes físicos proporcionados pela viagem de travessia do Atlântico, diferente da sua viagem de ida, revela que as futuras publicações em jornais, como o Diário da Tarde; e artigos, como “O Congelamento e a Armazenagem Frigorífica” (DOUGLAS, 1910) descrevem apenas uma parte da história da passagem de William Lockwood pela Inglaterra.

É um assunto muito doloroso para mim e desejo ouvir tão pouco dele quanto possível [referente a sua deserção]. *Afortunadamente ninguém aqui com exceção do meu pessoal sabe que estive no Exército.* Tive uma viagem muito desconfortável pois pouco depois de deixar Lisboa fiquei muito doente com reumatismo e apesar do médico fazer todo o possível para mim foi com dificuldade que eu cheguei aqui. No dia seguinte fiquei de cama e levou mais de uma semana antes da recuperação mas agora estou com uma saúde de primeira novamente e tenho muito boas perspectivas. *No momento estou trabalhando duro com meu pai e irmão abatendo gado e gerenciando nossa fábrica de sabão. Meu pai está muito ocupado montando uma empresa para trabalhar no negócio de salga toucinho e presunto com muita perspectiva de sucesso.* (grifo meu) (WITHERS, 15 mar. 1891)

As publicações que mencionam a viagem de William Lockwood, com algumas divergências, relatam que o rapaz foi à Inglaterra para procurar mercado exportador e se atualizar sobre a tecnologia referente ao processo de resfriamento e acondicionamento de carnes²¹, nunca tendo sido mencionada a deserção ou passagem de William Lockwood pelo exército inglês.

Os planos sobre a companhia que seria formada pela família precisariam do trabalho indispensável de William Lockwood para a produção da fábrica estão mencionados a seguir, além da possível viagem que faria para Rosário com o intuito de encontrar-se com Ellen.

Quando esta companhia for formada serei o gerente. De fato sou indispensável a ele com meu conhecimento na parte prática do negócio. Meu pai não irá nem poderia ficar encarregado disto pois ele tem um negócio que lhe toma a maior parte do tempo. Quando isto estiver acertado e eu estiver recebendo mais de £400.00 por ano depois de iniciada a fábrica por alguns meses eu poderei tirar uma licença de um mês ou seis semanas e ir para Rosário o que é um desejo que estou esperando muito. No atual estado das coisas penso

²¹ O principal meio que menciona tais fatos está em uma antiga publicação, já referenciada, sobre “O Congelamento e a Armazenagem Frigorífica” publicada em Londres em Julho de 1910 (DOUGLAS, 1910). Outra publicação que menciona esta história é um boletim publicado em 1981 pela Casa da Memória sobre a história da região do Campo Comprido que também se utiliza da publicação de DOUGLAS, mas mantém divergências sobre sua viagem a Inglaterra.

que serei capaz de fazer isto num ano e meio no máximo. (WITHERS, 15 mar. 1891)

Como bom trabalhador, dedicado a suas tarefas, William Lockwood mostrou que seria preciso primeiro estabelecer a fábrica para que ela pudesse manter um padrão razoável de produção para, a partir disso, poder tirar licença para a tão sonhada viagem.

Com a iniciativa do pai na formação da companhia, William Lockwood descreve sua visão sobre o Estado do Paraná no período do final do século XIX.

Nosso Estado do Paraná tem ido e está indo maravilhosamente para frente. Se eu não o tivesse deixado teria muito dinheiro em meu bolso, mas ao mesmo tempo não a teria encontrado e de qualquer modo eu voltei na hora certa e encontrei meu pai e irmão atrapalhados pela necessidade de auxílio. (WITHERS, 15 mar. 1891)

É claro que seu entusiasmo com o desenvolvimento do Estado está relacionado com a possibilidade do seu enriquecimento e de seus parentes. Teria ele dito isso se suas previsões para seu futuro não fossem boas? Ou teria dito que o Estado estava maravilhosamente indo para frente, pois os outros indivíduos fora de sua família estão enriquecendo enquanto sua família definhava? Ou ainda como operários explorados?

No que se segue, a relação amorosa entre os dois, com pedido de informações sobre o estado de saúde de Ellen e sua mãe Joana, além da curiosidade de saber se Ellen já havia aprendido o idioma local de Rosário, o espanhol, são questões levantadas por Lockwood. O destaque que ele dá para a curiosidade de ter a garota aprendido o espanhol baseava-se no motivo das Ilhas Falklands, pertencentes ao Império Britânico, ter como idioma o inglês, e sendo Ellen uma imigrante inglesa que saiu das Ilhas Falklands com destino ao continente, mais precisamente a Argentina que tem o espanhol como língua oficial.

Agora querida se teu afeto é verdadeiro e você puder esperar este tempo até eu poder sair daqui eu devo reiterar que o desejo do meu coração é pela nossa união e tão logo posso irei a Rosário e poderemos nos casar e voltar para cá. Pode ser mais cedo que o tempo que eu disse mas devemos olhar as coisas dos dois lados e eventos poderão ocorrer que adiem. Enquanto isso nossas cartas servirão para nos conhecermos melhor pois nosso conhecimento foi tão curto. De fato parece difícil acreditar, só nos conhecemos cerca de uma semana, mas existe um ditado e eu acredito profundamente que uma semana no mar equivale a um ano em terra firme mas

apesar de poucos aqueles dias foram muito agradáveis para mim.
(WITHERS, 15 mar. 1891)

O motivo de tanta espera por parte dos dois se deve a idade avançada deles para os parâmetros da época, William Lockwood tinha 27 anos e Ellen dois a menos. Uma prova disso é o que William Lockwood escreveu numa carta futura quando fala dos irmãos e menciona que sua irmã Florence já é casada e possui apenas 19 anos. “Minha irmã Florence é a única casada e ela tem só dezenove anos”. (WITHERS, 02 ago. 1891)

Outra informação que destoa do convencional é o escrito no *post-scriptum*: “Desde a revolução as províncias são chamadas estados, então enderece William Lockwood Withers Curityba Estado do Paraná Brasil”. (WITHERS, 15 mar. 1891) Devido sua viagem ao exterior bem no período da Proclamação da República foi somente em seu retorno que ficou sabendo da mudança de regime político do Estado brasileiro. Apesar de naquela época, final do século XIX, haver uma demora na repercussão das informações em outros países, a Proclamação da República, um evento que deveria ter mexido com as mídias mundiais, pelo porte do Brasil, mostrou ser apenas um evento com participação de uma camada restrita da população brasileira, a elite, e sem grande resistência, no momento da proclamação, do antigo regime político brasileiro, o que explica a ignorância de William Lockwood sobre o ocorrido. Outra hipótese para interpretar a menção de William Lockwood é a falta de leitura desse em jornais da época e a intenção de estar sempre informado, fato que ele não deixa transparecer em seus escritos, pois sempre mostrou ser um homem culto.

A carta seguinte deixa mais claras as intenções do casal de se unirem. Sempre mencionando os atrasos ocasionados pelo translado das cartas William Lockwood aborda que a questão do casamento já foi discutida com seus pais.

Quanto aos meus pais querida estou certo que eles aprovarão qualquer escolha minha, além deles saberem tudo sobre você pois lhes contei em um carta de Montevidéu. Meu irmão Harry ainda é solteiro e parece menos provável que se case que a dois anos atrás apesar de minha mãe continuamente estimulá-lo, e de fato nós dois, que nos casemos. Então eu disse a ela que o farei tão logo possa deixar os negócios e ir ao sul. (WITHERS, 29 abr. 1891)

Também confidencia a situação de solteiro do irmão Harry, além de mostrar que desde sua partida da cidade de Montevidéu William Lockwood já falava para os outros de sua amada Ellen.

Lockwood também relata sua forma física magra, diferente da forma apresentada no período em que esteve com Ellen e quando esteve em sua viagem para a Inglaterra. Diz que iria tirar uma fotografia e enviar para ela e que ela deveria fazer o mesmo, pois a fotografia que Ellen havia mandado para ele, numa carta endereçada ainda em sua estadia na Inglaterra, “[...] não lhe retrata fielmente”. Ainda menciona os negócios do pai que ele ajuda com árduo trabalho.

Presentemente estou muito ocupado pois meu pai foi a São Paulo a negócios ligados a implantação de nossa companhia e então eu tenho dois negócios para cuidar. Eu não sei se lhe contei antes mas meu pai é o agente para os Moinhos de Trigo Rio de Janeiro neste Estado e então eu tenho tanto a agência como o negócio de abate para cuidar mas nunca estou feliz longe de você a não ser quando ocupado. (WITHERS, 29 abr.1891)

A relação da família com o comércio e fábrica de carnes é observada no trecho anterior. A casa comercial e depósito de farinha de trigo estavam localizados na mesma residência que se encontrava na Rua Barão do Rio Branco com Rua José Loureiro²². Tomando como referencia Thompson, os costumes empreendedores ligados a família Withers, desde sua linhagem no ramo das carnes, demonstram o crescente desenvolvimento comercial procurado por seus membros no estabelecimento desses no Estado do Paraná.

O lazer encontrado na Curitiba deste período, final do século XIX, é mencionado por William Lockwood.

Você diz ter ido bastante ao circo. Eu penso estar em vantagem com relação a você pois temos aqui uma companhia muito boa de ópera italiana e eu comprei o bilhete da temporada. Vou 3 vezes por semana e escuto a bela música de Verdi, Donizetti e outros mestres. (WITHERS, 29 abr. 1891)

Mais uma prova que demonstra a cultura erudita de William Lockwood é a frequência assídua aos concertos de ópera que se apresentavam em Curitiba.

²² Na Gazeta do Povo do dia 07/04/2013 foi publicado por Cid Destefani matéria que conta sobre a iniciativa comercial de alguns imigrantes na cidade de Curitiba no fim do século XIX e início do XX. Entre eles está mencionada a casa comercial do importador W. Withers e a foto da casa datada no início da década de 1910.

Os acontecimentos corriqueiros do dia a dia também são assuntos presentes nas correspondências, relacionam clima, negócios e eventuais acidentes.

Sobre sua carta anterior eu devo pedir seu perdão e indulgência por não responder imediatamente mas só posso dizer como desculpa que tivemos dois visitantes ingleses do Rio de Janeiro e não fui capaz de ter um momento para mim. Também pouco depois sofri uma queda sem sorte no campo com o cavalo novo que tinha comprado e além de torcer o pulso danifiquei seriamente meu andar superior raspando quase toda a pele de um lado do meu rosto. Esta é a razão que não mandei minha foto pelo correio mas minha face está quase boa de novo e eu a tirei em alguns dias. [...] Eu vejo que você reclama do frio em Rosário, é difícil entender que sinta frio após ter vivido tanto tempo nas Falklands, mas suponho que as casas não foram feitas para frio em Rosário. Aqui estamos tenho um tempo lindo com geadas ocasionais mas só é frio a noite e de manhã cedo pois o sol logo derrete o gelo e o resto do dia é esplêndido. [...] Estou triste que esteja sofrendo de dor de dente é muito melhor extraí-los (WITHERS, 03 jun. 1891)

Na carta seguinte o assunto dentário continua a ser mencionado, aonde são especuladas algumas decisões a serem feitas perante o problema, não se sabendo se, William Lockwood ou Ellen, chegaram as vias de fato, no que se refere aos seus dentes.

[...] apesar de sentir que você ainda esteja sofrendo de dor de dente o que espero passará logo. O melhor a fazer se os dentes estão muito estragados é extraí-los e substituir por dentes artificiais. A tempos eu sofri muito de dor de dente e o que me prejudicava mais era qualquer tipo de doce e a única coisa que me fazia bem era fumar. (WITHERS, 22 jun. 1891)

Sem os avanços da atual medicina, era preciso que as enfermidades fossem tratadas com medidas que hoje parecem ser radicais, mas que no fim do século XIX eram comuns.

Outra preocupação aparente, de William Lockwood, estava ligada a sua aparência, ou a melhor maneira de representar sua verdadeira imagem, na maioria das vezes ligada as fotografias.

A razão que demorei a escrever esta semana era para poder lhe mandar a foto, a qual está anexo e que espero que você goste. A semelhança está muito boa mas levemente bajuladora pois não mostra a cor bronzeada do meu rosto. Eu penso, tanto quanto me lembro pois não tenho cópia, que é muito parecida com a que eu já lhe dei. Mandarei outra cópia na próxima carta no caso desta se extraviar. (WITHERS, 22 jun. 1891)

A menção ao corpo dourado pelo sol sugere um possível embaraço de sua parte pela condição de trabalhador braçal.

Em paralelo ao que Thomas Bigg-Wither contou em sua descrição feita de Curitiba, no capítulo anterior, William Lockwood descreve para sua amada o clima, geografia e outros aspectos da região paranaense. Antes sobre a condição da geada e os dias de sol e agora quando:

Tivemos tempo muito ruim ultimamente, choveu sem parar por dezesseis dias, agora está clareando e esfriando. A chuva pesada fez grande estrago nas estradas e ferrovias, tornando o tráfego quase impossível. (WITHERS, 22 jun. 1891)

A descrição de Lockwood, em comparação com a de Bigg-Wither, acaba transmitindo mais detalhes, muito em razão, do conhecimento maior da região que Lockwood tem, por se tratar de um morador.

Curityba tem, eu penso, um dos melhores climas do mundo se não fosse pela chuva a qual nós temos tanto. Não é muito quente no verão e apesar de termos geada no inverno só é frio à noite e de manhã cedo, pois em tempo de geada o céu é sempre limpo e o sol brilha derretendo o gelo e é bastante quente. Mas é certamente desconfortável em tempo úmido, pois chove forte e faz tanta lama, mas nada é perfeito neste mundo e tomando tudo em consideração, Curityba é um lugar muito agradável e o povo muito simpático. Flores são abundantes e crescem luxuriantemente. Nossa casa está quase coberta de rosas de trepadeira e gerânios. Temos também esplêndidas paisagens. De nossa casa podemos ver grande extensão de planície pontilhada de tufo de mata se estendendo 20 milhas até o pé das montanhas as quais se estendem de norte a sul por centenas de quilômetros. Na outra direção podemos ver a grande distância terreno ondulado coberto de mata, aqui e ali aparecendo clareiras de terra arada e casas que pertencem aos colonos. (WITHERS, 22 jun. 1891)

Sendo possível observar, na descrição de William Lockwood, a infraestrutura de Curitiba com muitos locais e caminhos em chão natural, sem calçamento, outra curiosidade em suas palavras reflete a influência que o amor em seu coração embriagava seus sentidos, principalmente quando escreve que as “flores são abundantes e crescem luxuriantemente” e faz menção as rosas em sua casa. Mas suas descrições não eram feitas de forma espontânea, pois Ellen estava interessada em saber sobre os aspectos da sua possível nova morada. Assim ele continua sua descrição:

A vista também do outro lado das montanhas é esplêndida quando subindo pela ferrovia do porto de Paranaguá para Curitiba. Do ponto mais alto que a ferrovia passa, 3.000 pés [mil metros] sobre o nível do mar, pode se ver a planície litorânea com quatro cidades, a grande baía de Paranaguá e o mar à distância.

Nós moramos exatamente na mesma altura do passo que a ferrovia atravessa, assim não há descida deste lado. Nós vivemos numa altitude de 3.000 pés o que causa o clima frio. Eu lhe dei esta pequena descrição pois você está naturalmente curiosa sobre Curitiba. Qualquer coisa mais que você queira saber, pergunte em suas cartas e eu lhe direi o mais exatamente que puder. (WITHERS, 22 jun. 1891)

Numa confrontação entre William Lockwood e Bigg-Wither, as descrições de ambos são bastante parecidas, não propiciando grandes mudanças na geografia curitibana.

Os grandes momentos de lazer naquela época se resumiam a presença em clubes e bailes junto com espetáculos e peças que passavam pela cidade. Por se tratar de um indivíduo do grupo dos estabelecidos, ou seja, da elite local, William Lockwood era, além de frequentador, membro honorário de alguns.

Você me perguntou numa de suas cartas se tinha estado em muitos bailes. Eu gostava muito de dançar mas desde que voltei, apesar de pertencer a dois clubes e ser membro honorário de outros dois eu só estive em um. Me parece que quando alguém tem o coração livre e vai a baile tem a oportunidade de dançar, flertar e conhecer as garotas mas para alguém comprometido como eu olho com indiferença a tudo isto e prefiro ficar em casa lendo, jogando cartas e xadrez ou ouvindo música. Tanto meu pai como eu cantamos um pouco e minha mãe e irmãos nos acompanham no piano. O que não consigo resistir é ir à ópera. Fui quase toda noite assistir uma que tivemos cerca de dois meses mas agora ela se foi e pode demorar antes que outra venha. (WITHERS, 22 jun. 1891)

Uma demonstração de como era a vida social em Curitiba no fim do século XIX esteve pautada na descrição acima feita por Lockwood. Ao tomar Elias (2000) como referencia a descrição do rapaz mostra seu pertencimento ao grupo de estabelecidos de Curitiba. Prova de sua busca por informação em periódicos da época está contido na carta datada em 22 de junho de 1891, na qual são abordados os problemas econômicos que a Argentina passava no referido período²³.

²³ O problema econômico não envolvia somente a Argentina, mas demais países incluindo o Brasil. A cotação do ouro foi a medida de valorização da moeda antes de ser trocada pela cotação do dólar. Em carta de 02/08/1891, William Lockwood aborda mais uma vez a situação em que são colocadas as distintas situações entre Argentina e Brasil. "O povo aqui reclama pois o nosso câmbio caiu mas

Como vão as coisas em Rosário? Julgando pelos jornais os negócios estão parados. Parece existir revoluções todo dia e com a sobretaxa do ouro tão alta tudo deve estar extremamente caro. Mas suponho que revoluções não são tão perigosas como parecem. Entretanto sempre fico alarmado quando sei de uma nova erupção. (WITHERS, 22 jun. 1891)

A despreocupação em torno de uma revolução, demonstrada por William Lockwood, mostra que ele, além de nunca ter passado por uma, não sabia avaliar a situação precária de uma economia com problemas como passou a Argentina, no fim do século XIX e muitos latino americanos no século XX.

As variações climáticas que ocasionaram fortes chuvas no período, e que danificaram a infraestrutura logística de Curitiba e região interferiram nos negócios de William Lockwood, o que ocasionou a ele um período de viagens ao interior do Estado, o que demonstra mais uma vez a precariedade encontrada na cidade de Curitiba.

[...] fiz duas viagens ao interior para comprar gado pois devido às grandes enchentes que tivemos (em consequência das quais todas as pontes foram carregadas e a maioria das estradas ficaram intransitáveis) nós ficamos totalmente sem gado para consumo local. Na primeira viagem estive fora só uma semana e em consequência dos altos preços, vendi meu gado vivo fazendo um lucro líquido de Rs 500.000 ou 50£ o qual dividi com meu cunhado, que eu tinha levado comigo. A segunda viagem não foi tão boa, pois os preços tinham caído mas eu os estou abatendo agora e espero fazer algum lucro. (WITHERS, 02 ago. 1891)

As intempéries climáticas proporcionaram a Lockwood trocas comerciais lucrativas, além de mostrar o conceito da oferta e procura do liberalismo econômico, pois tendo feito duas viagens, a primeira com bom retorno financeiro, e a segunda já demonstrando a queda do preço do gado pela reavivação do mercado após as grandes chuvas.

Como um homem com um relacionamento platônico – em razão da distância existente entre os dois – e cada vez mais apaixonado, William Lockwood propõem casamento à Ellen.

Existe a possibilidade que eu possa ir a Rosário muito antes do prazo que nós havíamos concordado e eu quero que você me diga em quanto tempo poderemos nos casar após minha chegada em

não é nada perto da Argentina. O ouro está cerca de 70% e não 400% como é aí. Isto quer dizer que o soberano que normalmente vale nove mil réis, agora vale quinze”.

Rosário. Como você vê sendo infelizmente um homem pobre o tempo para mim é importante. (WITHERS, 02 ago. 1891)

Pois estava:

[...] muito desanimado e a vida que tenho levado não é boa para mim. Uma pessoa não pode estar sempre no trabalho. Existem as longas noites e dias chuvosos os quais, quando eu não tenho nada para ler, passam muito devagar. Eu perdi todo prazer de meus antigos passatempos e não vou a clubes bailes nem nada. (WITHERS, 02 ago. 1891)

As preocupações para criar um ambiente dócil iam desde a fixação numa casa mobiliada, que julgava ser indispensável, até a socialização com outros membros de seu grupo.

[...] a necessidade de separar-se de seus amigos eu penso não terá desconforto. Existem alguns ingleses aqui além da minha família a qual consiste de onze filhos além de meu pai e mãe. [...] Existe um clérigo americano aqui com esposa e filhos e também um missionário português com o mesmo, que fala inglês. Também existem dois ou três ingleses de boa posição e um grande número das classes trabalhadoras. O clima é muito saudável. De fato existem lugares piores que Curityba. (WITHERS, 02 set. 1891)

É importante analisar que a existência de outras pessoas que falassem a mesma língua numa época de grande imigração, como foi o final do século XIX, em que muitos países estavam sendo representados na capital paranaense e cada qual com sua língua materna, trazia conforto aos novos imigrantes que chegavam tornando-os incluídos na sociedade que fariam parte.

Retomando o conceito de Elias (2000) sobre os estabelecidos e outsiders, aqui fica uma demonstração de que os imigrantes, principalmente ingleses, que vinham com iniciativa empreendedora e estavam ligados a casas comerciais cuja matriz encontrava-se em seu país natal, tinham maior capacidade de se relacionar com as elites já estabelecidas no país de destino, o que os tornavam estabelecidos por pertencerem aos mesmos círculos sociais das elites luso-brasileiras. Quanto aos outsiders de mesma nacionalidade dos imigrantes estabelecidos, no caso ingleses, havia grande chance deles se tornarem membros dos grupos estabelecidos não ficando a margem da sociedade. Casos de Caroline Tramplin, já mencionado anteriormente, e Ellen e sua mãe Joana agora.

As mudanças que as inovações tecnológicas proporcionavam também deixam rastilhos nas correspondências trocadas, como a introdução do telégrafo que

facilitaria a comunicação naquela época. “Mande-me em sua próxima carta o endereço mais curto que servirá em caso de precisar telegrafar. Meu endereço telegráfico é Lockwood Withers Curityba Brasil” (WITHERS, 02 set. 1891)

O conteúdo da carta de 08 de setembro de 1891 em grande parte se refere ao sumiço da carta que William Lockwood enviou anteriormente para Ellen datada do dia 02 de agosto de 1891.

Esta carta sua que recebi hoje é a primeira recebida desde aquela que acusava o recebimento de minha primeira foto.

Espero que a carta não esteja perdida apesar do tempo passado. Se não tiver notícias suas em alguns dias com a resposta, escreverei a essência dela novamente e mandarei. (WITHERS, 08 set. 1891)

Além dos assuntos corriqueiros sobre os sumiços das cartas ou as notícias recebidas por Ellen de seus familiares nas Ilhas Falklands, William Lockwood relata o andamento dos negócios da família.

Não posso escrever muito hoje pois estou muito ocupado. Meu pai foi ao Rio de Janeiro a negócios e levou minha mãe com ele numa viagem de lazer. Além dos negócios que tenho que tomar conta sozinho, tenho os cuidados da casa sobre meus ombros e também dois hóspedes ficando aqui (cavalheiros ligados à nossa casa no Rio, que vieram aqui para o benefício de sua saúde) para atender. (WITHERS, 08 set. 1891)

A “casa no Rio” que William Lockwood fez menção era parte do processo de exportação da carne salga toucinho e presunto que seu pai estava tentando montando e que seria conduzida por sua família, outra possibilidade para a visita de William Withers estava no vínculo dele como agente de negócios envolvendo a comercialização de trigo no Estado do Paraná.

A união do casal estava para ser firmada, para que isso pudesse acontecer alguns detalhes deveriam ser ajustados antes. A entrega das cartas sempre foi um problema nas correspondências de William Lockwood e Ellen, e na atual carta não seria diferente quando Lockwood descreve ter ficado “[...] alarmado quando [percebi] suas três cartas, todas juntas, em nossa caixa no Correio, mas logo fiquei aliviado lendo o conteúdo e muito contente com suas respostas”. (sic) (WITHERS, 08 set. 1891)

Tendo aceitado a situação proposta por William Lockwood, Ellen deve ter informado a intenção de levar sua mãe, Joana, junto com ela, o qual assim respondeu:

Eu simpatizo com seus sentimentos com relação à sua mãe e terei prazer em tê-la morando conosco. Eu sempre considerei sogras uma classe muito injuriada e abusada e nunca tive estas opiniões ridículas. Claro que existem boas e más entre todo tipo de gente e posso imaginar que existirão ocasiões em que uma sogra, por falta de tato, pode tornar-se desagradável, mas não prevejo nada deste tipo conosco querida. (WITHERS, 12 set. 1891)

William L. se mostra bastante político diante do assunto sobre o conceito de sogra que Ellen deve ter escrito em sua carta, quando afirmou que iria levar sua mãe junto. Um motivo para essa situação de William Lockwood estava pautado em Ellen ser a última filha de Joana a casar e não deixaria sua mãe sozinha em Rosário. William Lockwood continua, agora, demonstrando a felicidade que sentia.

Estou emocionado e gostando muito querida com a confiança que você manifesta em mim e estou seguro que será como você diz. De minha parte digo que farei o possível para fazê-la feliz e espero que você nunca tenha ocasião de se arrepender de ter se casado comigo. Espero que nunca se desaponte comigo por formar um ideal que eu não possa alcançar, pois estou longe de ser perfeito em muitas coisas mas devemos nos suportar e ser pacientes e tentarei melhorar. (WITHERS, 12 set. 1891)

Das situações de convívio que aconteceriam no cotidiano do casal, William L. já quis deixar ciente, para Ellen, das suas imperfeições. O que faltava era uma definição para saber quando William Lockwood poderia deixar Curitiba e partir para Rosário em busca de sua noiva.

Agora querida penso que temos tudo acertado adequadamente, exceto que ainda não posso dizer com certeza quando irei para aí, mas espero que seja nos próximos meses. Pode ser bem próximo como pode ser adiado para mais tarde, mas lhe peço querida que mantenha o ânimo e tente viver tão confortavelmente quanto possível sem se irritar e eu escreverei frequentemente.

Meu pai e minha mãe ainda estão no Rio de Janeiro, talvez quando eles retornarem alguma coisa poderá ser feita acerca dos negócios que eu falei a você, os quais muito encurtam o tempo. (WITHERS, 12 set. 1891)

Os motivos que deixavam William Lockwood sem saber ao certo quando poderia, enfim, partir para Rosário estavam ligados aos negócios de seu pai, onde sua presença era essencial; também a falta de dinheiro, segundo ele, para aquisição de residência para o novo casal, além da necessidade que seus pais tinham da sua presença nos negócios da família, o que proporcionava pouco tempo de descanso e lazer para Lockwood.

As definições sobre a eventual viagem para Rosário já começaram a surgir para William Lockwood, com a volta de seus pais do Rio de Janeiro.

Querida, meu pai e mãe voltaram do Rio de Janeiro quase uma semana atrás e apesar do grande negócio sobre o qual lhe escrevi ainda não estar definido como meus pais aprovam e concluo que você está querendo, então não é ocasião para demora. Como espero o dia quando lhe poderei chamar de esposa querida. (WITHERS, 02 out. 1891)

O grande negócio citado por William Lockwood se referia, novamente, a implantação da fábrica de presunto e bacon que seria montada na região do Barigui²⁴. Ele continua a carta.

Meu pai e mãe concordam que sou indispensável na Agência de Trigo e que só com isso posso ganhar bastante para viver modestamente, além do negócio de abate e outras rendas eventuais.

Tenho uma pequena casa já tomada e após minha partida minha mãe aparelhará os quartos que precisarmos com o que é indispensável. Após nossa chegada podemos providenciar a mobília e outras coisas com calma. Espero partir em um mês no mais tardar e é possível que seja em duas semanas, assim é possível que você não receba outra carta minha muito antes que eu chegue pessoalmente. (WITHERS 02 out. 1891)

Não se sabe se a casa mencionada seria a mesma que eles morariam e constituiriam família mais futuramente e que seria no mesmo terreno da fábrica de presunto e bacon. Mostra que os discursos de pobreza ou de hábitos simples, muitas vezes levantado por Lockwood, serviam para não criar grandes expectativas de luxo para Ellen. O certo é que suas preocupações em deixa-la o mais confortável possível se mantinham nas cartas.

Minha mãe escreverá para você pessoalmente no próximo correio e eu telegrafarei na partida, dizendo a data provável de minha chegada aí. [...]

É claro amor, que você entende que só poderemos viver num estilo modesto e quieto no momento apesar de que gostaria de ser rico por sua causa. Não me esquecerei de levar comigo o certificado necessário de estado de solteiro. (carta de 02/10/1891)

Outra preocupação que William Lockwood demonstrava era de sempre se mostrar o mais correto possível, como na certidão de solteiro e na viagem de retorno

²⁴ A antiga região do Barigui hoje se refere ao Campo Comprido e o terreno em que seria implantada a fábrica de presunto e bacon ficava na antiga estrada do Mato Grosso (hoje uma de suas partes conhecida como Rua Eduardo Sprada)

de Rosário para Curitiba. “Tenho certeza amor que você aproveitará a viagem. Será uma lua de mel bastante correta”. (WITHERS, 02 out. 1891)

Ao se aproximar o derradeiro dia de sua partida para Rosário, recebeu correspondência de Ellen, relativa a sua última carta datada do dia 13 de outubro de 1891. No conteúdo estão as últimas combinações que eles possibilitam fazer até o reencontro tão esperado. William Lockwood dá muitas explicações sobre o tempo que ele poderá levar para sua partida a Rosário.

Você pode me esperar a praticamente qualquer dia após o recebimento desta, pois certamente partirei, a não ser que algo imprevisto ocorra, nos próximos quinze dias ou mais tardar três semanas, o que será muito perto desta carta pois não sei de nenhum navio passando mas mandei assim mesmo na sorte. (WITHERS, 13 out. 1891)

Informa que sua mãe entrará em contato, talvez como forma de consentimento e apreciação a sua futura nora.

Minha mãe lhe escreverá hoje e amanhã. Claro que será somente uma carta formal pois não lhe conhecendo a não ser através de mim, será difícil encontrar tópicos sobre os quais escrever. (WITHERS, 13 out. 1891)

William Lockwood afirma que acabará adotando “sua sugestão de telegrafar de B. A. [Buenos Aires] e se possível também telegrafarei daqui ou Paranaguá”. Ainda menciona a dificuldade que está tendo para escrever tal correspondência muita pela aquisição de sua nova função. “Não posso continuar escrevendo com tantas interrupções. Eu já me levantei cinco vezes. Sou agora subdelegado de Polícia, uma espécie de magistrado e em alguns dias isto me traz muitas preocupações”. (carta de 13/10/1891) Esse Último, fato que mostra que os estabelecidos de Norbert Elias (2000) sempre estão ocupando cargos para manter sua zona de influência em relação à sociedade.

Perpassando sua quase incredulidade diante da situação que estava por advir, William Lockwood mantém seu romantismo nas seguintes linhas.

Eu sinto que não parece verdadeiro o fato que em alguns dias estarei a caminho para me encontrar com você. É tão bom pensar que em um tempo tão curto estaremos sentados lado a lado com meu braço em torno de sua cintura. Entretanto deixarei as manifestações de emoção para quando chegar aí. Expressões de bem querer numa carta parecem tão absurdas ou ao menos parecerão a uma terceira pessoa. (WITHERS, 13 out. 1891)

E vai além ao guardá-lo para o reencontro do casal, deixando as expressões de bem querer, que julga absurdas em cartas, mesmo tendo as feito nas anteriores, para o encontro em Rosário.

Como não poderia deixar de ser, depois de todo o planejamento e correspondências trocadas, a mãe de William Lockwood, Margareth Corfe Withers endereça a Ellen um telegrama no qual simpatiza com a decisão do filho.

Minha querida Miss Rummel

Com muito prazer ouço de meu filho William a intenção de casamento com você e sinceramente lhe desejo toda felicidade.

Não tenho o prazer de lhe conhecer pessoalmente, mas meu marido e eu ficaremos muito felizes de recebê-la como filha e confiamos que teremos um prazer mútuo em nosso novo relacionamento. Nós estamos encantados com a perspectiva. (WITHERS, 13 out. 1891)

Demonstrando muito afeto e carinho pela nova nora, Margareth continua em relação à mãe de Ellen.

Nós também reiteramos os mesmos sentimentos com relação à sua mãe. Estamos seguros que a companhia dela será muito bem-vinda para você e lhe fará menos solitária. (WITHERS, 13 out. 1891)

Informando a movimentação pacata de Curitiba, Margareth abre as barreiras de sua zona de influência para o ingresso dos mais novos membros que estariam por chegar. “Não espere nada muito ativo em Curitiba. É lugar bastante quieto apesar de que, com nossa grande família e muitos amigos descobrimos que não é assim”. E finaliza felicitando a Ellen, futura mãe de seus futuros netos.

Concluindo, só posso esperar que sua vida de casada seja tão feliz quanto a minha tem sido. Não posso lhe desejar nada melhor.

Nós todos a convidamos em carinhoso amor e acredite-me sua muito sinceramente Margareth C. Corfe Withers. (WITHERS, 13 out. 1891)

A receptividade não poderia ser descrita melhor do que as palavras de Margareth. Não se sabe que dia ocorreu o casamento, nem o local, Curitiba ou Rosário, contudo eles voltaram para Curitiba com a mãe de Ellen e viveram numa casa, que se encontrava no mesmo terreno em que seria fundada, em 1904, a tão

almejada fábrica de bacon e presunto. William Lockwood e Ellen tiveram dois filhos, um casal, Guilherme²⁵ e Margarida.

Não se sabe as causas, mas no dia 28 de fevereiro de 1904, Emily Ellen Rummel Withers faleceu, as pistas que as correspondências deixam sugerem que sua saúde era bastante frágil, em razão de William Lockwood sempre tocar no assunto de seu bem-estar.

O que se sabe é que William Lockwood manteve as iniciativas empreendedoras de seu pai, que falecera em 1898, e fundou a fábrica de bacon e presunto em 1904. Como consta na publicação sobre “O congelamento e a Armazenagem Frigorífica” de julho de 1910. (DOUGLAS, 1910)

O Sr. [William Lockwood] Withers decidiu construir e equipar uma fábrica moderna de bacon e com aquele próprio consultou os senhores William Douglas e Filhos Limitada, de Putney, Londres, que posteriormente desenharam e equiparam a presente fábrica de Curitiba, a qual teve desde o seu início notáveis cuidados, e demonstrou a possibilidade de sucesso liderando a conservação de bacon num país tropical. (sic) (grifo meu)

Os notáveis cuidados presentes na citação se referem ao fato de ter sido usada uma roda d'água como mecanismo gerador de energia que propiciasse o resfriamento da câmara frigorífica.

Porém, antes da fundação da fábrica, em 1903, William Lockwood havia sido escolhido, com outros homens como José Hauer, Francisco Schaffer, Emídio Westphalen, Emílio Romani, Jorge Eisenbach, Agostinho Asinelle, Pedro Setrani, entre outros, para uma comissão que realizaria uma Exposição do Cinquentenário de emancipação do Paraná, a qual foi promovida pela Sociedade Estadual de Agricultura. A composição, segundo Wilson Martins, “[...] em grande maioria, por nomes estrangeiros, que já distinguiam, entretanto, a essa altura, o ‘*homem paranaense*’.” (grifo meu) (MARTINS, p.188) Muito pelo fato, segundo o autor, devido ao processo, nesses cinquenta anos, de vida autônomo influenciado pelos elementos culturais que cada qual possuía.

Nota-se aqui, como afirma Thompson (1998), a busca das elites pelo ideal que deveria guiar todos os paranaenses, principalmente os trabalhadores e camponeses, para o desenvolvimento do Estado deveria estar baseado na cultura

²⁵ Guilherme Withers Júnior nascido em Curitiba em 06.07.1895 e falecido em Curitiba em 06.08.1959

dos estrangeiros que eram intitulados “homens paranaenses” pelo sucesso de seus empreendimentos.

Em relação à fábrica, com a fundação e desenvolvimento positivo na produção, foi publicado um artigo no “Diário da Tarde” de 23 de julho de 1913 que cita uma visita à fábrica de presuntos com o *slogan*: Um estabelecimento modelo – O “Diário” visita a fábrica de presuntos do Sr. Guilherme [William Lockwood] Withers.

A notícia faz referência a uma comitiva capitaneada pelo secretário de agricultura, sr. Dr. Ernesto de Oliveira, em visita à fábrica de presuntos de Guilherme [William Lockwood] Withers, imigrante inglês que vive na região há mais de 20 anos. A matéria dá a localização, infraestrutura e produção de carne suína e seus derivados.

[...] embarcamos em poderoso ‘Benz’ nos dirigimos para p Bariguy, onde fica situada a fábrica de presuntos do sr. Guilherme [William Lockwood] Withers [...]

A primeira secção é a da matança. Os suínos penetram por um alçapão a um quadrado de cimento onde é esfaqueado [...]

O estabelecimento tem uma fábrica de gelo. Do frigorífico a carne passa a salmoura e desta novamente ao frigorífico, onde a temperatura é de 5 graus abaixo de 0.

Adjacente á fábrica de gelo fica a secção de separação de carne e da banha dos ossos. Estes depois de tempos entram para uma caldeira. A carne miúda é vendida a linguiçeiros ao passo que a banha segue para a secção onde é derretida, purificada e enlatada. (sic) (**Diário da Tarde**, 23 jul. 1913)

Segundo o mesmo, “Na fábrica tudo é aproveitado”, eram produzidos de toucinhos e presuntos até o “[...] destino certo e rendoso” de outras partes do porco, como os ossos.

Na notícia, Sr. Ernesto de Oliveira considera a fábrica um modelo exemplar de estabelecimento, “[...] digno da visita de qualquer personagem estrangeira. [...]” e finaliza afirmando que não considerava encontrar tal grau de desenvolvimento industrial no Estado. E a fábrica ainda passaria por grande reforma em 1913, ano em que a comitiva fez a visita, conforme notícia, “já estão encomendados aperfeiçoados mecanismos.”

Segundo boletim informativo da Casa Romário Martins, que conta a história das famílias do Campo Comprido, bairro que pertenceu a região do antigo Barigui, a fábrica ficou funcionando até 1930, dez anos depois da morte de William Lockwood.

Nesses dez últimos anos quem comandou a fábrica, juntamente com outros membros da família como Percy Withers e Henry Gomm - marido de Isabel Withers Gomm, foi seu filho Guilherme Withers Junior que não se desfez do terreno, nem das instalações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho teve como finalidade mostrar a diferente concepção imigratória dos ingleses em relação aos demais imigrantes europeus que desembarcaram no Brasil no final do século XIX, mas sem a intenção de enaltecer os costumes e culturas dos ingleses em relação aos demais europeus. O fato de existirem imigrantes ingleses que se fixaram no Paraná com a iniciativa empreendedora não justifica a generalização dos demais imigrantes de outras nacionalidades, que aqui desembarcaram, de possuírem como única e exclusiva escolha o trabalho agrícola em colônias adjacentes ao perímetro urbano. Pois, assim como houve imigrantes europeus, não ingleses, que procuraram construir estabelecimentos comerciais e fabris, houve também imigrantes ingleses que cultivaram a terra e trabalharam como operários nas fábricas existentes na Curitiba do final do século XIX e início do século XX.

O desenvolvimento do trabalho monográfico propiciou um maior entendimento sobre a imigração que ocorreu no Brasil no século XIX, mais que isso, sobre a entrada de ingleses, seus costumes e cultura, num país marcado pelas diferenças políticas, econômicas e sociais. Por já terem experiência imigratória no passado com as Treze Colônias, algumas diversas das formas de colonização de portugueses e espanhóis, os ingleses no século XIX apresentaram diferentes afinidades com a imigração estudada no Paraná que os demais países europeus. Um dos motivos que destoaram dos outros países europeus esteve ligado a cultura colonizadora adquirida com o passar dos séculos, oriunda com as ligações econômicas com outros Estados nacionais, como Portugal e Brasil. Essa diferente concepção colonizadora mostrou o início de uma nova abordagem na relação entre colonizador e colonizado, não sendo mais necessária a conquista territorial, mas sim, a aquisição e conquista de mercados consumidores para os itens produzidos na Inglaterra.

A pesquisa feita sobre a imigração inglesa também mostrou os conflitos culturais gerados entre esses e a elite provincial do Paraná. Essa relação conflituosa existiu por razões que estiveram relacionadas aos costumes ingleses de imposição cultural que surgiram diante das adversidades apresentadas pela política imigratória brasileira. As promessas não cumpridas e a baixa infraestrutura disponibilizada para

a fixação dos colonos e escoamento de sua produção fez com que a maioria dos ingleses rejeitasse sua permanência na província paranaense, mais especificamente na colônia determinada pelo governo provincial do Paraná.

Mais este foi um dos tipos de imigração relacionados aos ingleses identificados no trabalho, pois outra forma de imigração esteve pautada na entrada de indivíduos ou famílias ligadas aos empreendimentos comerciais ingleses, companhias que buscaram montar filiais comerciais em território brasileiro. Um desses casos esteve vinculado a família Withers, cujos membros estavam ligados, desde gerações passadas, a produção e comércio de carnes, e aqui vieram gerenciar a Companhia de carne do Paraná, desenvolvendo suas aptidões comerciais e ingressando no círculo de influência da cidade de Curitiba.

Como fontes históricas riquíssimas as cartas enviadas por William Lockwood Withers para sua futura mulher Emily Ellen Rummel puderam proporcionar a recuperação, mesmo que de forma parcial, do cotidiano de uma família de imigrantes, e também, da sociedade curitibana no final do século XIX, com descrições dos lazeres e afazeres que a capital paranaense dispunha nesse período. Afazeres com o desenvolvimento de projetos comerciais, como a construção da fábrica de bacon e presunto, e realizações nas áreas costumeiras em que a família estava envolvida, como a produção de gado e sabão e a inclusão no comércio de trigo na região do Paraná. Os lazeres descritos incluíam membros frequentadores de clubes, de bailes e festas, além de companhias de óperas que passaram pela cidade no fim do séc. XIX.

A motivação de pesquisar a imigração inglesa teve como ponto de partida o acesso à correspondência enviada por Lockwood a sua amada e que instigou o autor, um dos descendentes da família Withers a buscar compreender os motivos que levaram seus ascendentes a imigrar para o Paraná.

Resta estudar os caminhos percorridos pela família, o destino dado à fábrica de bacon e presunto, criada por William Lockwood. Ocorreram novas iniciativas empreendedoras dos filhos e netos de Lockwood e Ellen? Essas perguntas e questionamentos ficam reservados para o desenvolvimento de um futuro trabalho que deverá representar a continuidade da linhagem de William Lockwood Withers e Emily Ellen Rummel Withers.

FONTES.

A PORTA de entrada de Curitiba. *Gazeta do povo*, Curitiba, 07 abr. Curitiba: Gazeta do Povo, 2013, n.p. Acervo: Família Withers

MEU VELHO Batel. *Gazeta do povo*, Curitiba, 15 dez. Curitiba: Gazeta do Povo, 2013, n.p. Acervo: Família Withers

PREFEITURA municipal de Curitiba. *Relação dos Prefeitos de Curitiba*. <http://www.curitiba.pr.gov.br>, Acesso em: 24 abr. 2014

UM ESTABELECIMENTO modelo. *Diário da tarde*, 23 jul. 1913, n.p. Acervo: Família Withers

WITHERS, William Lockwood. *Cartas enviadas a Emily Ellen Hummel*. s.l.: s.n., 1889-1891. Acervo: Família Withers

REFERÊNCIAS.

BALHANA, A e outros. *História do Paraná* – v. I. Curitiba: Grafipar. 1969.

BIGG-WITHERS, Thomas P. *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875*. Rio de Janeiro, J. Olympio; Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1974.

DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O espetáculo visto do alto; vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

DOUGLAS, London M. Bacon Curing in Brasil... In. _____. *Ice and Cold Storage*. London: s.n. 1910.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GILLIES, Ana Maria R.. *O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): Memórias, trabalhos e sociabilidades*. 2010. 198 f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2010.

_____. Os ingleses da colônia do Assunguy (1859-1882) sob a perspectiva do processo civilizador: um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX. In: *Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processos_civilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Ana_M_R_Gillies.pdf. Acesso em: 11 jun. 2013.

HILL, Christopher. *A Revolução Gloriosa de 1640*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença. 1987.

HOBBSAWM, E. J. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LAMB, R. E. Semeadores dissonantes: imigrantes e policiais na província do Paraná - Século XIX. In: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa:UEPG v. 1, n.1, p. 87-110, 1996.

_____. *Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná - 1867 a 1882*. 1. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência inglesa no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

NADALIN, Sérgio O. *Paraná: Ocupação do território, produção e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

THOMPSON, E. P. O Termo Ausente: Experiência. In: _____ *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. Introdução: Costumes e cultura. In: _____ *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.

WESTPHALEN, C. M. (Org). *Un Mazzolini de Fiori, v. I*. Curitiba: Imprensa Oficial; Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2002.